



CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

SEMINÁRIO DE LÍDERES EMERGENTES DO SETOR DA SEGURANÇA

Washington, D.C.
05 - 23 de junho de 2023

PROGRAMA

Índice

Sobre o Centro de Estudos Estratégicos de África

Visão Geral do Curso

Módulo I: Analisar As Ameaças Da Segurança Na Africa

Sessão Plenária 1: Implicações na Segurança das Tendências Grandes na Africa

Sessão Plenária 2: Tendências de Conflito Violento

Sessão Plenária 3: Dinâmica do Extremismo Violento

Sessão Plenária 4: Dinâmica do Crime Organizado Transnacional

Sessão Plenária 5: Ameaças Cibernéticas

Módulo II: Interpretar as Dinâmicas da Segurança

Sessão Plenária 6: Ameaças à Segurança Marítima

Sessão Plenária 7: Juventude, Paz e Segurança

Sessão Plenária 8: Mulheres, Paz e Segurança

Sessão Plenária 9: Tendências da Democratização

Sessão Plenária 10: Estado de Direito e Governança da Segurança

Módulo III: Resposta Nacional aos Desafios de Segurança

Sessão Plenária 11: Liderança Estratégica no Setor da Segurança em África

Sessão Plenária 12: Estabelecimento de Novas Relações Cívicas-Militares e Reforma do Setor da Segurança

Sessão Plenária 13: Reforçar o Profissionalismo no Setor da Segurança em África

Sessão Especial: O que Significa Ser Aluno do Centro de Estudos Estratégicos de África

Sessão Plenária 14: Desenvolvimento e Implementação da Estratégia de Segurança Nacional

Sessão Plenária 15: Gestão de Recursos de Segurança em África

Módulo IV: Resposta Regional e Internacional aos Desafios de Segurança

Sessão Plenária 16: Respostas Regionais às Ameaças de Segurança: Alerta e Resposta Precoce

Sessão Plenária 17: Respostas da União Africana aos Desafios da Segurança

Sessão Plenária 18: Respostas das Nações Unidas aos Desafios da Segurança em África

Sessão Plenária 19: Governo dos Estados Unidos: Assistência e Parceria de Segurança em África

Sessão Plenária 20: Potenciar a Assistência dos Doadores

SOBRE O CENTRO

Desde a sua criação em 1999, o Centro África tem servido como um fórum de investigação, programas académicos e intercâmbio de ideias com o objetivo de melhorar a segurança dos cidadãos através do reforço da eficácia e responsabilização das instituições africanas, em apoio à política dos EUA para África.

VISÃO

Segurança para todos os Africanos propiciada por instituições eficazes e responsabilizadas perante os seus cidadãos.

A força motriz do Centro África é realizar a visão de uma África livre de medo e carência, assegurada por instituições africanas comprometidas com a proteção dos cidadãos Africanos. Este objetivo enfatiza o compromisso do Centro África em contribuir para impactos tangíveis ao trabalhar com os nossos parceiros Africanos – militares, civis, governamentais e da sociedade civil, bem como nacionais e regionais. Todos desempenham papéis importantes na atenuação e abordagem dos complexos fatores impulsionadores da insegurança no continente. A responsabilização perante os cidadãos é um elemento importante da nossa visão, uma vez que salienta o facto de que, para serem eficazes, é preciso que as instituições de segurança, para além de serem “fortes”, respeitem e protejam os direitos e necessidades dos cidadãos.

MISSÃO

Promover a segurança africana através da expansão da compreensão, fornecendo uma plataforma confiável para o diálogo, construindo parcerias duradouras e catalisando soluções estratégicas.

A missão do Centro África gira em torno da geração e disseminação do conhecimento através dos nossos programas académicos, pesquisa, comunicações estratégicas e polos comunitários. Com base nas experiências práticas e nas lições aprendidas com os esforços de segurança no continente, procuramos gerar insights e análises relevantes que possam informar profissionais e responsáveis por políticas relativamente aos mais prementes desafios de segurança que enfrentam. Reconhecendo que a abordagem de desafios sérios só pode ocorrer através de intercâmbios francos e ponderados, o Centro África disponibiliza plataformas presenciais e virtuais, onde os parceiros podem partilhar opiniões sobre prioridades e boas práticas. Estes intercâmbios fomentam relacionamentos que, por sua vez, são administrados ao longo do tempo pelo Centro África através de polos comunitários, comunidades de interesse, programas de acompanhamento e diálogos continuados entre participantes e funcionários. Esse diálogo – imbuído de experiências do mundo real e análises atuais – proporciona oportunidades de aprendizagem contínua, e também catalisa ações concretas.

MANDATO

O Centro África é uma instituição do Departamento de Defesa dos EUA, estabelecida

e financiada pelo Congresso Americano, para o estudo de questões de segurança relacionadas com África e servindo como fórum para pesquisas bilaterais e multilaterais, comunicação, intercâmbio de ideias e formação envolvendo participantes militares e civis. (10 U.S.C 342)

Visão Geral do Curso

Introdução

O complexo, volátil e turbulento ambiente de segurança na África torna urgente e estratégica a necessidade de desenvolvimento de liderança no setor da segurança. Para além deste ambiente de segurança em rápida mudança, o aumento dos golpes militares em África exige uma reavaliação do estado da governação da segurança e do papel da liderança política na abordagem das ameaças à segurança através de estratégias, políticas e práticas centradas nas pessoas. A procura de formação e treino contínuo de líderes de segurança em África foi ecoada pelo Brigadeiro-General (ref.) Daniel K. Frimpong, antigo Comandante da Academia Militar do Gana, que uma vez disse "bons líderes desenvolvem-se através de um processo interminável de autoestudo, educação, treino e experiência."¹ No Relatório de Governação da União Africana (UA) de 2021, o papel da liderança política que é adaptável, inclusiva, responsável e ética foi reconhecido como um dos principais motores para que a África realize a Agenda 2063 da UA.² Este seminário proporciona uma plataforma colaborativa e de confiança para a resolução de problemas para os líderes emergentes africanos do setor da segurança. Procura apoiar a próxima geração de funcionários públicos profissionais e com princípios no setor da segurança nos seus esforços para se adaptarem adequadamente, e responderem proativamente aos desafios de segurança sem precedentes que o continente africano enfrenta. O seminário proporciona-lhes assim uma oportunidade de aprenderem com os seus pares e outros peritos em segurança africanos para avançarem na sua aquisição de atributos e competências para uma liderança eficaz. Isto irá ajudá-los a liderar com empatia para com as necessidades básicas de seguridade e segurança dos cidadãos e a prepararem-se proativamente para enfrentar ameaças complexas e mutáveis à segurança.

Porquê conduzir este programa?

As evidências cumulativas demonstram que um programa de formação de executivos bem concebido melhora a liderança eficaz. Existe também um consenso entre os líderes, académicos e profissionais africanos de que uma liderança eficaz, estratégica, adaptativa, e ética é fundamental para o sucesso do continente. Já recebeu uma formação considerável sobre profissionalismo, ética e liderança/decisão através da educação militar formal e experiências não académicas. Além disso, a sua nomeação pelo seu governo o instituição para participar neste programa indica que o seu desempenho passado e o seu potencial de liderança nestas áreas são tidos em grande consideração. Honraremos estas conquistas e procuraremos reforçá-las de uma forma significativa e útil.

Este seminário presencial de tres semanas foi concebido para facilitar o envolvimento dos participantes na aprendizagem interdisciplinar entre pares sobre liderança estratégica e as suas

¹ Brigadeiro-General Daniel K. Frimpong, "Appendix Two," *Leadership and the Challenges of Command*, AFRAM Publications, (Accra: 2003), p. 156.

² União Africana, "Africa's Governance Futures for the Africa We Want". O Relatório de Governação de África 2021. <https://au.int/en/documents/20220328/africa-governance-report-2021-africas-governance-futures-africa-we-want>

implicações para a gestão eficaz dos desafios de segurança africanos. Isto implica uma análise precisa do ambiente de segurança, de modo a conceber e implementar estratégias de segurança inclusivas que possam forjar novas relações entre civis e militares e reforçar o profissionalismo no setor da segurança; gerir judiciosamente os recursos de segurança para assegurar a responsabilização e a transparência; e alavancar as parcerias com os intervenientes regionais, continentais e internacionais para enfrentar coletivamente as ameaças de segurança transnacionais. Os participantes considerarão estes tópicos em relação ao seu próprio contexto, bem como numa perspetiva regional comparativa. Isto permitirá aos participantes refletir sobre lições que podem ser aprendidas em casa, nos países vizinhos e noutras partes de África e do mundo.

O objetivo global do programa é fornecer ferramentas e competências práticas e eficazes que os participantes possam utilizar para contribuir para a segurança, desenvolvimento e governação da sua nação. Para este fim, há três objetivos do programa:

- Aumentar a consciência da paisagem de segurança em mudança em África e reforçar as capacidades de resolução de problemas e de tomada de decisões para uma liderança adaptativa e eficaz.
- Expandir a compreensão das abordagens estratégicas a nível nacional para enfrentar as ameaças atuais, emergentes e futuras à segurança em África, de modo a avançar a segurança humana, a forjar novas relações civil-militares e reforçar o profissionalismo.
- Avaliar o apoio regional e internacional e as respostas aos desafios de segurança africanos, e explorar como os líderes de segurança africanos podem alavancar parcerias estratégicas de segurança que sejam coletivas e colaborativas, e focadas em igualdade soberana, interdependência, e interesses mútuos.

Visão geral do programa

Liderança estratégica, pensamento crítico, tomada de decisão ética e baseada em evidências, e padrões de comportamento a nível estratégico orientarão e informarão os tópicos centrais do programa. Uma formação de liderança eficaz é crucial para a criação e sustentação da governação democrática e do profissionalismo no setor da segurança em África. O programa está dividido em quatro módulos: I. A Paisagem em Evolução da Segurança em África, II. Interpretar as Dinâmicas da Segurança, III. Resposta Nacional aos Desafios da Segurança, e IV. Resposta Regional e Internacional aos Desafios de Segurança. Os módulos estão interrelacionados e complementam-se mutuamente. Através dos três módulos, os oradores destacarão as ameaças e oportunidades de segurança, bem como as implicações para a liderança no sentido de proporcionar melhor segurança e proteção aos cidadãos.

1. *Analisar As Ameaças Da Segurança Na Africa_e Interpretar as Dinâmicas da Segurança*: o principal objetivo deste módulo é fornecer um instantâneo do contexto no qual os líderes africanos estão a trabalhar para desenvolver e implementar estratégias eficazes. Este módulo irá expandir a compreensão do contexto e paisagem de segurança geral em África, fornecendo uma declaração baseada em evidências dos problemas de segurança africana. Esta declaração de problema irá mapear as características mais importantes do ambiente de segurança africano – tanto os desafios como as oportunidades – bem como as implicações para o futuro da segurança dos cidadãos se não forem tomadas ações proativas. O diagnóstico deste panorama dinâmico da segurança africana será informado pela análise das megatendências a nível continental que moldam o futuro da segurança

africana, as atuais ameaças de segurança proeminentes, as dinâmicas de governação e de estado de direito que afetam os desafios de segurança e os papéis da juventude e das mulheres na paz e na segurança.

2. *Resposta Nacional aos Desafios de Segurança*: este módulo centrar-se-á nas ações proativas a serem tomadas a nível nacional para atenuar os impactos negativos dos desafios de segurança e aproveitar as oportunidades de segurança de modo a proporcionar uma melhor segurança aos cidadãos. Há uma necessidade adicional de *Liderança Estratégica* e da capacidade de antecipar os desafios de segurança e as necessidades de segurança dos cidadãos; abordar essas necessidades através do desenvolvimento de estratégias proativas e centradas nas pessoas para enfrentar estes desafios; forjar novas relações civil-militares para construir consensos e apoio popular para implementar estas estratégias; e construir a confiança dos cidadãos e da comunidade nas instituições de segurança através do reforço do profissionalismo e da gestão judiciosa dos recursos de segurança para assegurar a responsabilização e a transparência no setor de segurança.
3. *Resposta Regional e Internacional aos Desafios de Segurança*: este módulo permitirá aos profissionais de segurança africanos avaliar parceiros-chave no setor da segurança e opções para forjar e alavancar parcerias estratégicas com eles. Dado que os desafios de segurança que África enfrenta são transnacionais e transfronteiriços, este módulo centrar-se-á na avaliação de políticas, estratégias e compromissos que promovam respostas coletivas e colaborativas a nível regional, continental e internacional.

Os tópicos são introduzidos em sessões plenárias por um orador convidado ou painel de peritos, seguidos de sessões de grupos de discussão. As discussões de grupo serão moderadas por facilitadores altamente qualificados e peritos experientes. Mais ou menos metade dos facilitadores são mulheres e africanos. O papel de um facilitador não é dar lições ou insistir em quaisquer soluções "corretas", mas criar um ambiente propício ao diálogo franco e à partilha de experiências. Tire partido da riqueza de conhecimentos e experiências dos facilitadores, mas não hesite em desafiá-los.

Abordagem académica

Dada a variedade do nível de experiência e compreensão entre os participantes sobre as ameaças à segurança e o nível de resposta a essas ameaças, este seminário procurará captar lições importantes e práticas sólidas através de:

- *Conteúdo académico* neste programa concentrado na análise baseada em evidências, apoiada por exemplos práticos, com menos foco na teoria.
- *Sessões plenárias* conduzidas por peritos experientes na matéria, centrando-se na aprendizagem bidirecional colaborativa, em vez da aprendizagem tradicional em sala de aula, de sentido único.
- *Discussões em pequenos grupos* que proporcionam uma plataforma de confiança para os participantes partilharem as suas experiências e lições aprendidas e darem prioridade à aprendizagem entre pares e ao trabalho de equipa com os participantes, que funcionam como peritos no contexto dos seus países e regiões.

O seminário será conduzido em Inglês, Francês e Português. Será aplicada uma política rigorosa de não imputação durante as sessões dos grupos de discussão, bem como durante a parte de

perguntas e respostas das sessões plenárias. As sessões plenárias serão gravadas e afixadas no site do Centro África após o encerramento do programa.

O Programa

Este programa é um documento educacional destinado a expor os participantes a várias perspectivas e ajudá-los a tirar o máximo partido do programa. Este programa fornece uma visão geral do material académico e das principais questões políticas relacionadas com a liderança estratégica no setor da segurança em África. O documento é organizado sequencialmente para guiar os participantes através dos três módulos do programa. Para cada sessão plenária, o programa dá uma breve introdução e enquadra perguntas para discussão a serem respondidas pelos participantes na reunião do grupo de discussão. Fornecemos leituras selecionadas que se destinam a preparar os participantes para as sessões plenárias e para os grupos de discussão e devem ser lidas antes das sessões para as quais estão listadas. Reconhecemos que o programa abrange mais questões e materiais do que aqueles que podem ser suficientemente discutidos no tempo disponível. Esperamos que utilize estes materiais como recursos, mesmo depois da conclusão do programa.

Encorajamo-lo a partilhar questões e sugestões sobre os materiais e sobre o seminário, uma vez que irá melhorar a qualidade dos nossos programas. Estamos disponíveis para discutir consigo tópicos específicos. Muita perícia e conhecimentos sobre estes tópicos provêm de vocês, os participantes. Encorajamo-lo a ler os materiais atribuídos e a participar ativamente nos seus grupos de discussão e a partilhar livremente as suas experiências e conhecimentos. O conteúdo do programa de estudos não reflete a opinião ou posição oficial do Departamento de Defesa ou do Governo dos Estados Unidos.

Os benefícios deste programa devem continuar após o seu regresso a casa. As discussões e materiais escritos, bem como as amizades formadas durante as próximas duas semanas, deverão ajudá-lo a enfrentar os desafios muitas vezes imprevisíveis que enfrentará na sua profissão.

Preparação para o Seminário

Antes da primeira semana do seminário, pedimos-lhe que:

1. Folheie este programa.
2. Reveja a parte da Semana 1 do programa de estudos e leia as leituras recomendadas.
3. Passe algum tempo a pensar nas questões de discussão da Semana 1 e a considerar que experiências do seu trabalho poderá partilhar em grupos de discussão.
4. Esteja preparado para participar em grupos de discussão e aprender com outros participantes.

Antes de cada semana subsequente do seminário, pedimos-lhe que repita este processo.

Módulo I: Analisar As Ameaças Da Segurança Na Africa

Sessão Plenária 1: Implicações na Segurança das Tendências Grandes na Africa

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Compreender a dinâmica das grandes megatendências, tais como a urbanização, as alterações demográficas e sociais, a classe média em ascensão, as alterações climáticas, a tecnologia capacitadora e as pandemias que estão a confrontar os países africanos.
- Discutir a teia de ameaças à segurança multifacetadas e em constante mudança que a África enfrenta.
- Compreender as implicações de segurança destas megatendências e ameaças à segurança para a liderança no setor da segurança.

Contexto:

Há vários fatores que irão moldar a paz e a segurança em África e a trajetória de mudança a curto e longo prazo. Estes fatores incluem uma teia de ameaças de segurança complexas, multifacetadas e em constante mudança, incluindo mas não se limitando ao crime organizado transnacional, conflitos violentos, extremismo violento e terrorismo, ameaças cibernéticas, ameaças marítimas, fragilidade do estado e pandemias. Estas ameaças à segurança serão exacerbadas por megatendências como as mudanças demográficas e sociais, a urbanização e a crescente classe média, as alterações climáticas e o avanço da tecnologia digital e da informação. Além disso, estas ameaças de segurança e megatendências são acompanhadas por uma corrente subjacente de um défice crescente de governação em África, na qual os próprios estados se tornaram uma fonte de insegurança.³ As interseções destas megatendências moldarão sem dúvida a forma como os governos e instituições africanas abordarão a segurança humana nas décadas vindouras. Estas megatendências irão criar choques que tanto exacerbam os desafios como criam novas oportunidades para o continente. Um desses choques foi o surto da pandemia de COVID-19. Por um lado, expôs deficiências graves nas capacidades dos estados, sistemas de governo e políticas públicas. Por outro lado, sublinhou o papel crítico das instituições e da liderança estratégica no combate a estes choques.⁴

Até 2035, prevê-se que a África duplique a sua população para quase 2 mil milhões de pessoas; um crescimento tão rápido significará que 50 por cento da população terá menos de 21 anos.⁵ Esta população jovem em rápido crescimento irá fornecer uma enorme força de trabalho em idade ativa necessária para o crescimento económico, mas poderá também exacerbar os desafios de segurança se o desemprego se mantiver elevado.⁶ O aumento da urbanização proporcionará oportunidades de desenvolvimento, mas poderá também aumentar a pobreza urbana e a

³ Peter Mwai, "Are Military Takeovers on the Rise in Africa?" BBC, 2022. <https://www.bbc.com/news/world-africa-46783600>

⁴ Luka Kuol, "COVID-19: A call for people-centered national security strategy in Africa." PRIO, 2020. <https://blogs.prio.org/2020/11/covid-19-a-call-for-people-centered-national-security-strategy-in-africa/>

⁵ Camilla Roca e Ines Schultes, "Africa's Youth: Action Needed Now to Support the Continent's Greatest Asset." Fundação Mo Ibrahim, 2020. <https://mo.ibrahim.foundation/sites/default/files/2020-08/international-youth-day-research-brief.pdf>

⁶ Gilfred Boateng Asiamah, Ousmane Djiby Sambou e Sadhiska Bhoojedur, "Africans say governments aren't doing enough to help youth." Afrobarómetro, 2021. <https://afrobarometer.org/publications/ad486-africans-say-governments-arent-doing-enough-help-youth>

criminalidade.⁷ A circulação de pessoas dentro e através das fronteiras nacionais continuará também a colocar uma série de desafios políticos, económicos e sociais que influenciam o fornecimento de segurança humana.⁸ Os rápidos aumentos no acesso à tecnologia e na sua utilização irão provavelmente melhorar a segurança dos cidadãos, melhorar o acesso à informação pública e aumentar a procura de transparência e responsabilidade. No entanto, poderá também fomentar a criminalidade cibernética, exacerbando a ameaça mais vasta representada pelo crime organizado transnacional online e offline.⁹ À medida que as famílias continuam a subir na classe média, as expectativas e exigências de uma governação mais responsável e transparente irão aumentar, mas também poderão exacerbar a desigualdade de rendimentos e precipitar a agitação social.¹⁰ Entretanto, a crise climática tem o potencial de afetar cada uma das tendências acima referidas; o aumento das temperaturas e das emissões de gases com efeito de estufa causará cada vez mais desastres naturais, prejudicará bairros, limitará recursos já escassos e reduzirá as oportunidades económicas – todas estas situações têm potencial para induzir conflitos.¹¹

Estas tendências são inevitáveis, mas os seus resultados dependerão das estratégias e respostas políticas dos líderes africanos. Os governos africanos não têm outra escolha senão planear e responder proativamente a estas tendências, de modo a mitigar os riscos previstos e aproveitar as potenciais oportunidades.¹² As megatendências terão impactos profundos nos resultados da segurança e na forma como a segurança é planeada, gerida e entregue aos cidadãos. Estas tendências criam novas oportunidades para os governos africanos reverem as suas políticas, capacidades e instituições de segurança existentes para melhor responderem a estas complexas ameaças e para desenvolverem confiança com os cidadãos com base na sua inclusão na governação de segurança e desenvolvimento de estratégias.¹³ Uma resposta eficaz a estas tendências requer coordenação e colaboração entre múltiplas agências governamentais e estados nacionais; desenvolver mecanismos de resposta que sejam flexíveis, iterativos e adaptativos; alavancar parcerias externas; e desenvolver capacidades de previsão. Como estas tendências se reforçam mutuamente e não podem ser abordadas isoladamente, os países africanos (e os seus parceiros externos) devem pensar estrategicamente sobre a forma de as abordar através de políticas e estratégias nacionais, regionais e continentais que sejam viáveis, proativas, criativas, coordenadas e abrangentes.¹⁴

Questões para discussão:

- Que megatendências são mais importantes no seu país ou sub-região? Como é que estas megatendências interagem para influenciar os resultados da segurança no seu país?

⁷ Julia Bello-Schunemann et al, *African Futures: Key trends to 2035*. Instituto de Estudos de Segurança, 2017.

<https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/policybrief105.pdf>

⁸ Wendy Williams, "Shifting Borders: Africa's Displacement Crisis and its Security Implications". Centro África de Estudos Estratégicos, 2019. <https://africacenter.org/publication/shifting-borders-africas-displacement-crisis-and-its-security-implications/>

⁹ Nathaniel Allen, "Africa's Evolving Cyber Threats". Centro África de Estudos Estratégicos, 2021.

<https://africacenter.org/spotlight/africa-evolving-cyber-threats/>

¹⁰ Anton du Plessis e Anya Kaspersen, "Seven trends shaping the future of peace and security in Africa". Fórum Económico Mundial, 2016. <https://www.weforum.org/agenda/2016/06/7-trends-shaping-the-african-security-landscape/>

¹¹ Raymond Gilpin, "Unpacking the implications of future trends for security in Africa." Brookings, 2020.

<https://www.brookings.edu/blog/africa-in-focus/2020/02/03/unpacking-the-implications-of-future-trends-for-security-in-africa/>

¹² Olli Ruohomäki, "Africa Megatrends: Looking over the horizon into the future." *Documento informativo 305 do FIIA*. Instituto Finlandês de Assuntos Internacionais, 2021. https://www.fiaa.fi/wp-content/uploads/2021/03/bp305_african-megatrends.pdf

¹³ Luka Kuol e Joel Amegboh, "Rethinking National Security Strategies in Africa." *Journal of International Relations and Diplomacy*. Vol. 9 (1): 1-17, 2021. <http://www.davidpublisher.com/Public/uploads/Contribute/60a72058556ba.pdf>

¹⁴ Gilpin, *op. cit.*

- Que medidas o seu país ou sub-região precisa de tomar para responder a estas megatendências? Que papel devem desempenhar a liderança estratégica e outros líderes do setor da segurança?
- Como é que o setor da segurança no seu país precisa de se adaptar para enfrentar estes desafios a longo prazo? Que papel devem desempenhar a comunidade internacional e a arquitetura de segurança regional?

Leituras necessárias:

Raymond Gilpin, "Unpacking the implications of future trends for security in Africa." Brookings, 2020. <https://www.brookings.edu/blog/africa-in-focus/2020/02/03/unpacking-the-implications-of-future-trends-for-security-in-africa/>

Luka Kuol, "COVID-19: A call for people-centered national security strategy in Africa." Peace Research Institute Oslo (PRIO), 2020. <https://blogs.prio.org/2020/11/covid-19-a-call-for-people-centered-national-security-strategy-in-africa/>

Julia Bello-Schünemann et al. *African Futures: Key Trends to 2035*. Instituto de Estudos de Segurança, 2017. <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/policybrief105.pdf>

Laura Kokko, « L'Afrique de l'avenir : les tendances clés d'ici à 2025, » dans *L'Afrique : un continent sur la voie de l'intégration*. Centre Universitaire Francophone, p. 173-193, 2018. http://acta.bibl.u-szeged.hu/63619/1/010_francophone.pdf#page=173

Sessão Plenária 2: Tendências de Conflito Violento

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Explorar a tipologia e os fatores de conflitos violentos em África.
- Analisar as implicações estratégicas das tendências de conflito em África, incluindo os tipos de defesa, diplomacia, liderança estratégica e respostas de desenvolvimento que possam ser relevantes para abordar estes fatores.

Contexto:

Muitos analistas acreditavam que as reformas democráticas de África no rescaldo da Guerra Fria tornariam os governos africanos mais responsáveis e legítimos, levando a uma redução da violência política e da guerra civil. Nas primeiras décadas após a Guerra Fria, estas análises otimistas foram, em grande parte, corretas. De acordo com o Programa Uppsala Conflict Dataset, o número de conflitos em África diminuiu significativamente, de um máximo de 17 conflitos em 1998 para apenas sete conflitos em curso em 2005. Contudo, particularmente desde 2010, o número de conflitos armados que envolvem Estados africanos aumentou, incluindo os relacionados com Boko Haram na Nigéria, atividades insurgentes jihadistas e tuaregues no Mali, al-Shabaab na Somália e no Quênia, e guerras civis na Líbia, República Centro-Africana e Sul do Sudão.¹⁵

Em parte, a recente onda de violência deve-se à mudança da natureza do próprio conflito. Nos últimos anos, as formas de conflito mais prevalentes em África têm sido motins e protestos, seguidos de violência contra civis e batalhas entre atores estatais e não estatais.¹⁶ Os conflitos armados não estatais e os incidentes de violência unilateral contra civis também aumentaram. O número de partes em vários conflitos aumentou ao longo do tempo porque as organizações rebeldes e as organizações extremistas violentas se dividem e multiplicam frequentemente. Organizações extremistas violentas, incluindo Boko Haram, al-Shabaab e afiliadas da Al Qaeda no Magrebe Islâmico e o Estado islâmico na província da África Ocidental, influenciam os conflitos em múltiplos países. De forma mais otimista, o número de mortes relacionadas está a diminuir¹⁷ e, em contraste com décadas passadas, apenas um punhado de estados africanos suportam o peso do conflito armado.¹⁸

Existem múltiplas causas de violência política e conflito.¹⁹ Alguns dos desencadadores ou fatores impulsionadores de violência importantes são a má governação, a exclusão social e o fraco estado de direito. Por exemplo, os abusos dos direitos humanos perpetrados pelo estado e as percepções dos cidadãos sobre o tratamento injusto por parte do estado são cada vez mais reconhecidos como uma causa central do extremismo violento.²⁰ Da mesma forma, o relatório Pathways for Peace 2018 do Banco Mundial mostra que "a exclusão do acesso ao poder, a

¹⁵ Paul Williams, "Continuity and Change in War and Conflict in Africa." Prisma 6:4, 2017.

¹⁶ Armed Conflict Location Event Dataset, <http://acleddata.org>

¹⁷ Jakkie Cilliers, "Violence in Africa": Trends, Drivers and Prospects to 2023," Africa Report 12, agosto 2018, p. 3; Ingrid Vik Bakken & Siri Aas Rustad, "Conflict Trends in Africa, 1946-2017," Peace Research Institute Oslo, Junho 2018.

¹⁸ Bakken & Rustad, "Conflict Trends in Africa, 1946-2017".

¹⁹ Raymond Gilpin, "Understanding the Nature and Origins of Violent Conflict in Africa," in Minding the Gap: African Conflict Management in a Time of Change de P. Aall e C. Crocker, 2016.

²⁰ Luca Raineri, "If Victims Become Perpetrators: Factors contributing to vulnerability and resilience to violent extremism in the central Sahel," International Alert, junho de 2018; "Journey to Extremism in Africa: Drivers, Incentives, and the Tipping Point for Recruitment," Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (setembro de 2017), <http://journey-to-extremism.undp.org/en/report>

oportunidades, a serviços e a segurança cria um terreno fértil para a mobilização de queixas de grupos para a violência", particularmente em estados frágeis ou que são conhecidos por violações dos direitos humanos.²¹ A corrupção governamental e a exigência popular de responsabilização também desencadearam protestos recentes em muitos países africanos como o Zimbabué, África do Sul, Malawi²², Sudão, Burkina Faso e Argélia. O futuro de África poderá continuar a mostrar um aumento dos conflitos se não ocorrerem mudanças na governação, no estado de direito, na gestão pública dos recursos e na inclusão de jovens, mulheres e grupos marginalizados na governação e na política.²³

Questões para discussão:

- Que tipo de conflito afeta mais o seu país/sub-região?
- Quais são os impactos do conflito no seu país/sub-região/continente?
- Que relações existem entre o conflito e os problemas socioeconómicos e políticos?
- Qual deve ser o papel da liderança estratégica e de outros líderes do setor da segurança?

Leituras necessárias:

Jakkie Cilliers, "Violence in Africa: trends, drivers and prospects to 2023." Instituto de Estudos de Segurança, 2018. <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/ar-12-v1.pdf>

Ingrid Vik Bakken e Siri Aas Rustad, "Conflict Trends in Africa, 1989-2017". PRIO Conflict Trends 06, 2018. <https://www.prio.org/publications/12112>

"Africa and the Rule of Law: Statement of the International Development Legal Organization." 2016. <https://www.idlo.int/sites/default/files/pdfs/policies/IDLO%20Statement%20Africa%20Rule%20of%20Law.pdf>

Leif Brottem, "A complexidade crescente do conflito agricultores-pastores na África central e ocidental". Centro África de Estudos Estratégicos, 2021:

- EN: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/07/ASB39EN-The-Growing-Complexity-of-Farmer-Herder-Conflict-in-West-and-Central-Africa-update-7-27-21.pdf>
- FR : <https://africacenter.org/fr/publication/la-complexite-croissante-des-conflits-entre-agriculteurs-et-eleveurs-en-afrique-de-louest-et-centrale/>
- PO : <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/11/ASB39PT-A-complexidade-crescente-do-conflito-agricultores-pastores-na-Africa-central-e-ocid.pdf>

²¹ "Nações Unidas; Banco Mundial. 2018. Pathways for Peace : Inclusive Approaches to Preventing Violent Conflict. Washington, DC: Banco Mundial, <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/28337>

²² Ver Moletsane Molake e Dan Hough, "What's Behind the Wave of Protests in Africa" Washington Post Monkey Cage Blog, 31 de janeiro de 2019, <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2019/01/31/do-bribery-experiences-drive-people-to-protest-yes-mostly/>

²³ Julia Bello-Schünemann et al. 2017. "African Futures: Key Trends to 2035. Institute for Security Studies Policy Brief 105

Sessão Plenária 3: Dinâmica do Extremismo Violento

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Examinar a natureza e o alcance do terrorismo e do extremismo violento em África.
- Desvendar os fatores mais determinantes que explicam a resistência e proliferação de organizações extremistas violentas (OEV/VEOs).
- Avaliar as abordagens nacionais e regionais para combater o extremismo violento.
- Examinar o papel da liderança estratégica e de outros líderes do setor da segurança na luta contra o extremismo violento.

Contexto:

O terrorismo e o extremismo violento (EV) continuam a estar entre os desafios mais significativos para a paz e a segurança em África. O que torna este estado de coisas particularmente frustrante é que, apesar do extraordinário sacrifício e do enorme número de vidas e recursos que os africanos e os seus parceiros internacionais têm dedicado ao seu combate e prevenção, muitos grupos extremistas violentos (OEV/VEOs) ainda conseguiram florescer e expandir o seu alcance. Mesmo nos teatros onde foram descritos como derrotados ou nos seus últimos suspiros, os OEV/VEOs continuam a ser uma ameaça.

A resiliência e a proliferação destas organizações são intrigantes porque os seus objetivos e métodos são muito mais radicais do que os das pessoas que afirmam representar. Os inquéritos e as provas disponíveis mostram que a grande maioria dos africanos se opõe ao extremismo violento e ao terrorismo. No entanto, grupos ligados à al-Qaeda, afiliados do Estado Islâmico e outros grupos extremistas violentos continuam a atrair recrutas e financiamento, explorando astutamente as oportunidades criadas pela fragilidade dos estados, pela governação de exclusão e por conflitos locais. Em áreas onde conseguiram controlar o território, grupos como o Estado Islâmico na província da África Ocidental concentraram-se na prestação de formas básicas de governação e serviços sociais à população rural da zona do Lago Chade. Noutros teatros onde não conseguiram suplantar o estado, os OEV/VEOs exploram e fomentam a instabilidade política, as tensões intercomunitárias e as injustiças socioeconómicas. O crescimento e expansão de organizações extremistas violentas no Sahel, na bacia do Lago Chade e na África Oriental evidenciam que a sua resiliência e poder não provêm apenas da sua atividade violenta, mas também, da sua capacidade de suplantar os governos locais como prestadores de serviços e árbitros da ordem social.

Para gerar novos resultados na luta contra o extremismo violento, os decisores políticos, funcionários de segurança e profissionais devem repensar os pressupostos e métodos existentes. Esta necessidade de reexaminar e substituir métodos e paradigmas falhados é imediatamente evidente no consenso emergente entre múltiplos intervenientes africanos de que a prevenção e o combate ao extremismo violento requerem estratégias centradas na população que incluam comunidades e construam parcerias entre um vasto leque de intervenientes. Para derrotar os extremistas, as forças de segurança devem, portanto, adaptar os seus métodos para cooperar cuidadosamente com as autoridades locais, incluindo prestadores de serviços, líderes tradicionais, grupos de defesa comunitária e organizações da sociedade civil. Este é um testemunho do crescente reconhecimento do perigo de tratar abordagens orientadas para a

comunidade para prevenir, mitigar e combater o extremismo violento como uma distração – em vez de um necessário complemento estratégico – em relação às abordagens tradicionais de segurança.

Questões para discussão:

- Que OEV/VEOs estão a operar no seu país e região? Como é que estas organizações afetaram o ambiente de segurança em que trabalha?
- Como é que os esforços de CEV/CVE devem ser combinados com os esforços antiterroristas tradicionais para ter o maior efeito no seu país ou região?
- Que medidas concretas e práticas podem as nações africanas tomar, trabalhando a nível nacional, regional e internacional, para melhor combater os OEV/VEOs no continente?
- Qual deve ser o papel da liderança estratégica e dos líderes do setor da segurança no combate ao extremismo violento?

Leituras necessárias:

Anouar Boukhars, "Trajetórias de Violência Contra Civis pelos Grupos Militantes Islâmicos de África" *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2022.

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/trajectories-of-violence-against-civilians-by-africas-militant-islamist-groups/>
- FR : <https://africacenter.org/fr/spotlight/trajeciores-de-la-violence-contre-les-civils-par-les-groupes-islamistes-militants-dafrique/>
- PO: <https://africacenter.org/pt-pt/spotlight/trajetorias-de-violencia-contr-civis-pelos-grupos-militantes-islamicos-de-africa/>

Gregory Pirio, Robert Pittelli e Yussuf Adam, "Os diversos fatores que desencadearam a violência extremista na região norte de Moçambique". *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2019.

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/the-many-drivers-enabling-violent-extremism-in-northern-mozambique/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/spotlight/nombreux-facteurs-qui-favorisent-extremisme-violent-nord-mozambique/>
- PO: <https://africacenter.org/pt-pt/spotlight/os-diversos-fatores-que-desencadearam-a-violencia-extremista-na-regiao-norte-de-mocambique/>

« Burkina Faso: sortir de la spirale des violences. » International Crisis Group, 2020:

- FR : <https://d2071andvip0wj.cloudfront.net/287-burkina-faso-sortir-de-la-spirale-des-violences.pdf>
- EN : <https://d2071andvip0wj.cloudfront.net/287-burkina-faso-spiral-of-violence.pdf>

Recursos adicionais do Centro África:

Programa Desenvolvimento de Estratégias Locais de Combate ao Extremismo Violento (CVE) em África, 25 de janeiro a 16 de fevereiro de 2022:

- EN: <https://africacenter.org/programs/2022-01-cvelocal-developing-local-strategies-counter-violent-extremism-africa/>
- FR : <https://africacenter.org/fr/programs/2022-01-cvelocal-fr/>
- PO : <https://africacenter.org/pt-pt/2022-01-cvelocal-pt/>

Webinar "Why Al-Shabaab Persists in Somalia", 9 de dezembro de 2021:

- EN: <https://africacenter.org/programs/202112cve-why-al-shabaab-persists-somalia-webinar/>
- FR : <https://africacenter.org/fr/programs/202112cve-pourquoi-al-shabaab-persiste-somalie/>
- PO : <https://africacenter.org/pt-pt/202112cve-por-que-al-shabaab-ersiste-somalia/>

Pauline Le Roux, "Répondre à l'essor de l'extrémisme violent au Sahel", Centro África de Estudos Estratégicos, 2019.

- FR: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2020/01/ASB36FR-Repondre-a-1%E2%80%99essor-de-1%E2%80%99extremisme-violent.pdf>
- EN: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2019/12/ASB36EN-Responding-to-the-Rise-in-Violent-Extremism-in-the-Sahel-Africa-Center-for-Strategic-Studies.pdf>

Sessão Plenária 4: Dinâmica do Crime Organizado Transnacional

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Descrever as tendências e os níveis das várias formas de crime organizado transnacional e das redes criminosas relevantes que operam em África.
- Compreender os fatores subjacentes do crime organizado transnacional em África, assim como as suas consequências para a governação, estabilidade e desenvolvimento económico.
- Avaliar os méritos de potenciais elementos de resposta estatal ao crime organizado transnacional, particularmente o papel dos líderes do setor da segurança na promoção de abordagens centradas no cidadão/comunidade, cooperação entre agências e colaboração regional.

Contexto:

O crime organizado transnacional (COT) é um desafio de segurança crescente em África. Existem muitas formas de COT em África perpetradas por atores estatais e não estatais com diferentes graus de ligação. O tráfico humano, o tráfico de armas e os crimes de recursos não renováveis são os três mercados criminosos mais difundidos e, em geral, a pandemia COVID-19 aumentou a capacidade dos intervenientes estatais que facilitam o COT de o fazer com medidas menos restritivas para uma governação responsável em vigor.²⁴ Além disso, o COT e a instabilidade política continuam a ser fenómenos que se reforçam mutuamente, e os elementos comerciais, criminosos e corruptos do COT promovem uma economia política paralela que mina o desenvolvimento económico e a legitimidade do estado.²⁵

Não existe uma definição única de crime organizado, mas a Convenção de Palermo das Nações Unidas – que a maioria dos países africanos ratificou – define "**grupos criminosos organizados**" como três ou mais pessoas, existentes durante um período de tempo, que atuam em conjunto com o objetivo de cometer pelo menos um crime punível com quatro anos de encarceramento. O COT está empenhado em obter um benefício financeiro/material direto ou indireto.²⁶ O crime organizado é transnacional quando as atividades e os seus efeitos atravessam as fronteiras nacionais. A conceção de respostas pode ser um desafio, uma vez que alguns estados estão mal equipados para combater e prevenir atividades de redes criminosas ou têm determinados funcionários de alto nível que não estão politicamente dispostos a combater crimes dos quais beneficiam. A coordenação da segurança, justiça e outras instituições a nível interagências, transfronteiriço e subnacional é necessária, mas inerentemente complexa.

Os atores do setor da segurança nos estados africanos estão bem conscientes dos desafios de combater o COT, mas também enfrentam a difícil tarefa de conceber respostas que se adaptem aos contextos locais. Os enquadramentos da economia política podem ajudar os líderes emergentes a compreender por onde começar. A economia política é "o estudo de decisões racionais no contexto das instituições políticas e económicas", que moldam os incentivos dos

²⁴ Global Initiative Against Transnational Organized Crime, "Africa Organized Crime Index 2021: Evolution of Crime in a Covid World," <https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2021/11/ENACT-Organised-Crime-Index-2021.pdf>

²⁵ Comissão Económica das Nações Unidas para África. 2015. *Illicit Financial Flows: Report of the High Level Panel on Illicit Financial Flows from Africa*. Addis Abeba, Comissão Económica das Nações Unidas para África. <http://hdl.handle.net/10855/22695>

²⁶ Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional e respetivos Protocolos, <https://www.unodc.org/documents/treaties/UNTOC/Publications/TOC%20Convention/TOCbook-e.pdf>

vários atores para se comportarem de determinadas formas.²⁷ Adotar uma abordagem de economia política implica compreender quem são os diferentes atores, identificar as estratégias que podem adotar com base nos mercados criminosos e vulnerabilidades dos estados africanos, e avaliar como os fatores de resiliência podem mudar os incentivos dos atores criminosos organizados para perseguir o COT em determinados locais. Há muitos fatores que moldam os incentivos das pessoas à participação em economias ilícitas. Algumas das principais são a disponibilidade de meios de subsistência alternativos, a legitimidade do estado e das suas leis e como a transparência e a responsabilização dos setores da segurança e da justiça afetam essa legitimidade.

Um exemplo de um quadro de economia política é o Índice de Crime Organizado do Consórcio ENACT (lançado em 2019 e atualizado para 2021).²⁸ O índice mostra um aumento considerável no COT, com a África a ter o segundo nível mais elevado de criminalidade a nível mundial. Examina **quatro atores criminosos primários**: atores estatais, redes criminosas, atores estrangeiros e atores ao estilo da máfia. Para além de acompanhar a presença e intensidade de dez **mercados criminosos** diferentes em todos os países africanos, o Índice analisa doze fatores que afetam a **resistência** ao COT: liderança política e governação, transparência e responsabilização governamental, cooperação internacional, políticas e leis nacionais, capacidade judicial, capacidade de aplicação da lei, combate ao branqueamento de capitais, capacidade reguladora económica, apoio às vítimas e testemunhas, prevenção, envolvimento de atores não estatais na resposta e integridade territorial.²⁹ Em última análise, é provável que os esforços mais bem-sucedidos para combater o COT envolvam respostas de segurança que alimentem esforços mais amplos para abordar os fatores de desenvolvimento e governação do crime organizado.

Questões para discussão:

- Até que ponto é o crime organizado transnacional uma preocupação de segurança no seu país/região, e que tipos de atores criminosos e mercados criminosos estão envolvidos?
- Que fatores permitem que o crime organizado transnacional floresça no seu país/região? Em que medida estão as questões de desenvolvimento, governação e estado de direito ligadas ao crime organizado transnacional?
- Que tipos de esforços para combater e prevenir o crime organizado transnacional estão em curso no seu país/região? Em que medida estão a abordar qualquer um dos doze fatores de resiliência mencionados no Índice de Crime Organizado ENACT?
- Que papéis podem desempenhar os atores do setor da segurança na resposta ao crime organizado transnacional a nível transfronteiriço, nacional interagências e subnacional? Quão importantes são a UA, as CER, as instituições internacionais e a sociedade civil local e porquê?

Leituras necessárias:

²⁷ Allan Drazen, *Political Economy in Macroeconomics* (Princeton University Press, 2000), p. 4, citando James Alt & Kenneth Shepsle, eds. *Perspectives on Political Economy* (Cambridge University Press, 1990).

²⁸ Global Initiative Against Transnational Organized Crime, *ENACT Global Organized Crime Index 2021*, <https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2021/09/GITOC-Global-Organized-Crime-Index-2021.pdf>; *ENACT Organized Crime Index Africa 2019*, <https://enact-africa.s3.amazonaws.com/site/uploads/2019-09-24-oc-index-2019.pdf>

²⁹ *Índice de Crime Organizado África 2019*, op.cit.

Mark Shaw, "Africa's Changing Place in the Global Criminal Economy." Relatório Continental 1 ENACT, 2017:

- EN: <https://enact-africa.s3.amazonaws.com/site/uploads/2017-09-26-enact-continental-report1.pdf>
- FR: <https://enactafrica.org/research/continental-reports/levolution-de-la-place-de-lafrigue-dans-leconomie-criminelle-mondiale>

União Africana, "Communique of the 845th Peace and Security Council meeting on Organized Transnational Crime, Peace, and Security in Africa." 2019:

- EN: <http://www.peaceau.org/en/article/communique-of-the-845th-psc-meeting-on-organized-transnational-crime-peace-and-security-in-africa>
- FR: <http://www.peaceau.org/uploads/cps-.com.criminality-.trans.org.ps.-afrique.25-4-2019.pdf>

Centro África de Estudos Estratégicos, "Reforço Da Coordenação Da Segurança-Justiça Para Combater A Criminalidade Organizada Transnacional" 2021:

- EN: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/06/CTOC-SJ-Executive-Summary-EN.pdf>
- FR: <https://africacenter.org/fr/programmes/renforcer-coordination-securite-justice-criminalite-transnationale-organisee/>
- PO: <https://africacenter.org/pt-pt/reforco-coordenacao-seguranca-justica-criminalidade-organizada-transnacional/>

Recursos adicionais do Centro África:

Enhancing Security-Justice Coordination to Counter TOC, programa da África Ocidental e Austral, 9 de fevereiro - 3 de março de 2021:

- EN: <https://africacenter.org/programmes/security-justice-transnational-organized-crime/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/programmes/renforcer-coordination-securite-justice-criminalite-transnationale-organisee/>
- PO: <https://africacenter.org/pt-pt/reforco-coordenacao-seguranca-justica-criminalidade-organizada-transnacional/>

Enhancing Security-Justice Coordination to Counter TOC, Central, Eastern, and Northern Africa program, 19 de outubro - 10 de novembro de 2021:

- EN: <https://africacenter.org/programmes/2021-ctoc-sj-2/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/programmes/2021-ctoc-sj-2/>

Série de webinars de Desenvolvimento Profissional para o Combate ao Crime Organizado Transnacional, 2021-2022:

- EN: <https://africacenter.org/programmes/2020-ctoc-webinar-series/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/programmes/2020-ctoc-webinar-series/>
- PO: <https://africacenter.org/pt-pt/2020-ctoc-webinar-series/>

Sessão Plenária 5: Ameaças Cibernéticas

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Explorar como a disseminação das tecnologias de informação e comunicação em África está a afetar as ameaças de espionagem, sabotagem de infraestruturas críticas, crime organizado e conflito armado.
- Avaliar abordagens nacionais, regionais e internacionais à gestão de ameaças cibernéticas.
- Discutir os desafios enfrentados pelos agentes de segurança africanos na resposta às ameaças e desafios cibernéticos.

Contexto:

Com a rápida disseminação da tecnologia digital pelo continente africano, o ciberespaço está a tornar-se um domínio de segurança cada vez mais importante. Um número crescente de cidadãos africanos é vítima de fraude, roubo e extorsão online perpetrados por redes criminosas cibernéticas organizadas e cada vez mais globalizadas. e. As infraestruturas críticas de África, essenciais para a futura prosperidade do continente, estão a tornar-se vulneráveis à sabotagem cibernética, evidenciada pelos recentes ataques de resgate contra a Transnet, o operador portuário sul-africano.³⁰ A expansão das infraestruturas de telecomunicações e a proliferação de malware barato permitiu que tanto potências estrangeiras como estados africanos transformassem a indústria de inteligência, expondo os estados africanos a novas formas de espionagem cibernética. Os meios de comunicação social, a inteligência de fonte aberta e os sistemas automatizados estão cada vez mais a ser utilizados por atores armados estatais e não estatais nos conflitos armados de África, alterando o caráter da guerra.

A resposta política na maioria dos países africanos não acompanhou este conjunto de ameaças cibernéticas que se diversificam rapidamente. Os défices de capacidade humana e organizacional significam que a maioria dos incidentes cibernéticos não são relatados e não são tratados. Embora o número de estados com políticas e estratégias de segurança cibernética esteja a aumentar, mesmo os países mais amadurecidos de África do ponto de vista cibernético enfrentam frequentemente o fracasso em estabelecer mecanismos-chave de coordenação entre agências ou em antecipar e responder às últimas ameaças. O compromisso das nações africanas para com modelos inclusivos, transparentes e multi-intervenientes de governação da Internet e cooperação internacional em matéria de cibersegurança situa-se significativamente atrás do resto do mundo, segundo a União Internacional das Telecomunicações.³¹ Apenas oito países africanos ratificaram a Convenção da União Africana sobre Segurança Cibernética e Proteção de Dados Pessoais de 2014.³² Questões cruciais como a proteção de infraestruturas críticas ou a regulamentação das normas de comportamento interestatal no ciberespaço carecem de enquadramentos políticos coerentes a nível nacional, regional e internacional.

O setor da segurança africano tem um papel crucial a desempenhar como parte de uma abordagem mais ampla de segurança do espaço cibernético em África – coordenando a proteção

³⁰ Reuters, 2021. "South Africa's Transnet Restores Operations at Ports After Cyberattack" <https://www.reuters.com/article/us-transnet-cyber/south-africas-transnet-restores-operations-at-ports-after-cyber-attack-idUSKBN2EZ0RQ>

³¹ União Internacional das Telecomunicações. 2019. *Global Cybersecurity Index 2018* (Genebra, União Internacional das Telecomunicações). https://www.itu.int/dms_pub/itu-d/opb/str/D-STR-GCI.01-2018-PDF-E.pdf

³² Ver <https://au.int/en/treaties/african-union-convention-cyber-security-and-personal-data-protection>

de infraestruturas críticas, respondendo às ameaças mais estrategicamente significativas de atores organizados e armados e pensando na melhor forma de adaptar os avanços tecnológicos nas estratégias e operações militares e de segurança. No entanto, como a tecnologia da informação é uma tecnologia capacitante com um vasto leque de aplicações, as principais fontes de especialização encontram-se no setor privado, e a sociedade civil tem um papel crucial a desempenhar para garantir que a tecnologia digital seja utilizada de forma transparente e responsável. Para que a revolução digital realize todo o seu potencial, os governos africanos devem adotar uma abordagem à cibersegurança centrada no ser humano.

Questões para discussão:

- Quais são os desafios de segurança relacionados com a cibersegurança no seu país ou região? Como é que o digital está a mudar o panorama da segurança?
- Que medidas práticas podem tomar os atores do setor da segurança, trabalhando através do governo, do setor privado e da sociedade civil, para enfrentar estas ameaças cibernéticas?
- Como podem os países africanos avançar na sua cooperação uns com os outros e com os atores externos para gerir as ameaças cibernéticas que enfrentam?

Leituras necessárias:

Nathaniel Allen, "Africa's Evolving Cyber Threats". *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2021:

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/africa-evolving-cyber-threats/>
- FR : <https://africacenter.org/fr/spotlight/lafrique-a-lepreuve-des-nouvelles-formes-de-cybercriminalite/>

Mourad El Manir, "L'Afrique face aux défis protéiformes du cyberspace." Centro de Políticas para o Novo Sul, 2019. https://www.policycenter.ma/sites/default/files/PP_19-20_Al-Manir.pdf

Abdul-Hakeem Ajijola e Nate D.F. Allen, "African Lessons in Cyber Strategy". *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2022:

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/african-lessons-in-cyber-strategy/>
- FR : <https://africacenter.org/fr/spotlight/lecons-dafrique-en-matiere-de-cyber-strategie/>

ENACT e INTERPOL, "Online Organized Crime from the Surface to the Darkweb". Relatório Analítico INTERPOL, 2020. <https://enact-africa.s3.amazonaws.com/site/uploads/2020-08-20-interpol-darkweb-report.PDF>

Recursos adicionais do Centro África:

Webinar "A Resposta do Setor de Segurança Africano ao Cibercrime Organizado", 17 de fevereiro de 2022:

- EN: <https://africacenter.org/programs/the-african-security-sectors-response-to-cyber-enabled-organized-crime/>

- FR : <https://africacenter.org/fr/programs/la-reponse-du-secteur-securitaire-africain-a-la-cybercriminalite-organisee/>
- PO : <https://africacenter.org/pt-pt/a-resposta-do-setor-de-seguranca-africano-ao-cibercrime-organizado/>

Webinar "Respostas do Estado ao uso de tecnologia emergente por grupos extremistas africanos", 2 de dezembro de 2021:

- EN: <https://africacenter.org/programs/202111cy-state-responses-information-technology-africa-violent-extremist-groups/>
- FR : <https://africacenter.org/fr/programs/202111cy-reponses-etatiques-utilisation-technologie-emergeante-groupes-extremistes-africains/>
- PO : <https://africacenter.org/pt-pt/202111cy-respostas-estado-uso-tecnologia-emergente-grupos-extremistas-africanos/>

Programa Prioridades de Segurança do Ciberespaço para os Atores da Segurança Nacional de África, 3-25 de agosto de 2021:

- EN: <https://africacenter.org/programs/cyberspace-priorities-national-security/>
- FR : <https://africacenter.org/fr/programs/priorites-cyberespace-securite-nationale-afrique/>
- PO : <https://africacenter.org/pt-pt/prioridades-ciberespaco-seguranca-nacional-africa/>

Sessão Plenária 6: Ameaças à Segurança Marítima

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Explorar as tendências em matéria de segurança marítima e proteção em África.
- Avaliar os acordos de colaboração existentes para salvaguardar os interesses marítimos de África.
- Examinar o papel da liderança estratégica e dos atores do setor de segurança para sustentar a segurança marítima e a proteção.

Contexto:

A indústria marítima africana ou "economia azul", em termos de pesca, minerais, hidrocarbonetos, turismo e comércio de trinta e oito países costeiros e seis ilhas, está estimada em 1 trilião de dólares por ano.³³ Além deste potencial económico, mais de 90% das exportações e importações africanas são transportadas por água.³⁴ Embora haja muito potencial, há uma tendência para a "cegueira marítima" e para ignorar o domínio marítimo e a sua centralidade no crescimento económico africano, bem como a sua segurança e defesa. O espaço marítimo tem sido um teatro de atividades criminosas e é anfitrião de uma teia de ameaças à segurança interligadas. Algumas das ameaças mais prementes incluem a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (IUU) e outros roubos de recursos naturais, bem como a pirataria e o assalto à mão armada no mar.³⁵ A pandemia da COVID-19 também exacerbou as ameaças à segurança no domínio marítimo em África, particularmente ao perturbar as cadeias de abastecimento e ao aumentar o risco de os portos se tornarem alvos de ataque.

A proteção do espaço marítimo africano e dos seus recursos é uma preocupação estratégica de segurança dos países costeiros e dos países sem litoral e exige o fornecimento de uma segurança marítima eficaz. O domínio marítimo tornou-se um dos principais focos da Agenda 2063 e da Estratégia Marítima Integrada da UA para África 2050 (Estratégia 2050 AIM).³⁶ Ambas reconhecem o papel central do domínio marítimo como catalisador do ressurgimento económico e da mudança socioeconómica em África.³⁷ A Carta de Lomé foi adotada em 2016 pela UA como uma carta vinculativa de segurança marítima com enfoque nas disposições de segurança da Estratégia AIM 2050.³⁸ Estes compromissos da UA estão alinhados e ligados ao Objetivo 14 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, que promove a utilização sustentável dos oceanos, mares e recursos marinhos, inclusive para o desenvolvimento.

Esta abordagem de colaboração internacional encontra a sua expressão concreta a nível regional, onde nações que partilham uma região marítima trabalharam umas com as outras, frequentemente através da estrutura da Comunidade Económica Regional, para criar acordos

³³ Dra. Ifesinachi Okafor-Yarwood. "A análise de nove projetos africanos de "economia azul" mostra o que funciona e o que não funciona". *The Conversation*, 11 de agosto de 2020.

³⁴ Henrietta Nagy e Siphesihle Nene, "Blue Gold: Advancing Blue Economy Governance in Africa." *Sustainability* 13, 7153: 1-11. 2021. <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/13/7153>

³⁵ Ifesinachi Okafor-Yarwood, Timothy Walker, Denys Reva, "Gulf of Guinea Piracy: A Symptom, Not a Cause, of Insecurity," *ISS Africa*, 10 de fevereiro 2021, <https://issafrica.org/iss-today/gulf-of-guinea-piracy-a-symptom-not-a-cause-of-insecurity>.

³⁶ Nagy e Nene, *op. cit.*

³⁷ Richard Wetaya, "Blue economy seen as a catalyst for Africa's economic resurgence". *Alliance for Science*. 2022.

<https://allianceforscience.cornell.edu/blog/2022/02/blue-economy-seen-as-catalyst-for-africas-economic-resurgence/>

³⁸ Pieter Brits e Michelle Nel, "African maritime security and the Lomé Charter: Reality or dream?" *African Security Review* 27 (3-4): 226 - 244, 2018.

https://www.researchgate.net/publication/329326511_African_maritime_security_and_the_Lome_Charter_Reality_or_dream

práticos e quadros de cooperação a nível operacional. Por exemplo, o Código de Conduta de Yaoundé estabeleceu a cooperação entre a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e a Comunidade Económica dos Estados da África Central (ECCAS) sobre uma variedade de questões de segurança marítima e criou um Centro de Coordenação Interregional com pessoal conjunto para organizar a cooperação. Estes quadros têm ajudado a facilitar a harmonização das leis marítimas em questões como a perseguição, a partilha de provas e a extradição, bem como a assegurar o rastreamento e mesmo a coordenação operacional entre as marinhas. Embora as capacidades conjuntas ainda estejam em desenvolvimento, tem havido vários sucessos notáveis. Uma delas é a recaptura do *Hailufeng 11* em maio de 2020, após a sua captura por piratas junto no litoral da Costa do Marfim. Através da partilha de informações em toda a região e da cooperação operacional entre o Benim e a Nigéria, o navio foi reconquistado com sucesso, e os piratas foram julgados na Nigéria ao abrigo de uma nova lei antipirataria.³⁹

A capacidade dos estados africanos de governar coletivamente os seus domínios marítimos e de gerir de forma sustentável os seus recursos determina a sua capacidade de proporcionar uma série de benefícios aos seus cidadãos e melhorar o seu fornecimento de segurança e desenvolvimento. Melhorar a governação e a segurança nas comunidades litorais mais afetadas pela pesca INN e outras formas de roubo de recursos naturais também pode ajudar a diminuir as ameaças, aumentando o seu interesse em cooperar com a aplicação da lei e limitando o envolvimento dos membros da comunidade no crime marítimo.⁴⁰ Há também mais trabalho para continuar a assegurar a existência de leis e práticas nacionais que facilitem a acusação dos criminosos marítimos, especialmente quando é necessária a cooperação transfronteiriça e regional. Muitas nações africanas litorais ainda estão a desenvolver procedimentos de cadeia de custódia para o tratamento de criminosos marítimos e provas criminais; a acusação também pode ser desafiante devido às complexidades do direito do mar, ou aos baixos níveis de conhecimentos jurídicos marítimos ou de autoridades de aplicação da lei dentro das marinhas.⁴¹ A atualização da legislação e dos procedimentos nacionais e a sua harmonização a nível regional são ambos essenciais.

Questões para discussão:

- Qual é o potencial económico do espaço marítimo do seu país/região, e acha que esse potencial está a ser plenamente realizado? Porquê ou porque não?
- Pode partilhar algumas das principais ameaças à segurança marítima no seu país/região, e se estas foram adequadamente abordadas?
- Dada a natureza transfronteiriça das ameaças que o espaço marítimo enfrenta, qual é o nível de respostas cooperativas, coordenadas e coletivas dos países da sua região à insegurança marítima? Pode partilhar alguns exemplos de tais respostas coletivas e o que pode ser feito melhor?
- Que papéis podem desempenhar os líderes do setor da segurança na promoção da segurança marítima e da proteção?

Leituras necessárias:

³⁹ Ian Ralby, "Nigerian Navy Thwarts Hijacking of Chinese Fishing Vessel", *The Maritime Executive*, 18 de maio de 2020, <https://www.maritime-executive.com/article/nigerian-navy-successfully-interdicts-maritime-kidnapping-attempt>.

⁴⁰ Ifesenachi Okafor-Yarwood, "The cyclical nature of maritime security threats: illegal, unreported, and unregulated fishing as a threat to human and national security in the Gulf of Guinea." *African Security*; Vol. 13 (2): 116-146, 2020.

⁴¹ Ian Ralby, "Learning from success: Advancing maritime security cooperation in Atlantic Africa." CIMSEC, 2019. https://cimsec.org/learning-from-success-advancing-maritime-security-cooperation-in-atlantic-africa/?fbclid=IwAR0qlr2l3Vn_wQhTc_Gu-JsuDjiTrZl8DYr5cQT3fsr4l1DqDa0jYQr5Xzg

Ian Ralby, "Trends in African Maritime Security." *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2019:

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/trends-in-african-maritime-security/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/spotlight/tendances-en-matiere-de-securite-maritime-en-afrique/>

Nações Unidas, "Africa's Blue Economy: A Policy Handbook." 2016.

- EN: <https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/30130/AfricasBlueEconomy.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- FR: <https://repository.uneca.org/handle/10855/23073>

Ifesenachi Okafor-Yarwood, "Illegal, unreported and unregulated fishing and the complexities of the Sustainable Development Goals (SDGs) for countries in the Gulf of Guinea". *Marine Policy*, vol. 99 (janeiro), p. 414-422, 2019.

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0308597X17303445>

Pieter Brits e Michelle Nel, "African maritime security and the Lomé Charter: Reality or dream?" *African Security Review* 27 (3-4): p. 226-244, 2018.

https://www.researchgate.net/publication/329326511_African_maritime_security_and_the_Lome_Charter_Reality_or_dream

Thierry Vircoulon & Violette Tournier, « Sécurité dans le golfe de Guinée : un combat régional, » *Politique Etrangère* 3, 2015. <https://www.cairn.info/revue-politique-etrangere2015-3-page-161.htm>

Recursos adicionais do Centro África:

Mesa redonda "Enhancing Maritime Safety and Security in Africa: Whole of Africa Maritime Dialogue", 27-28 de julho de 2021:

- EN/FR/PO : <https://africacenter.org/programs/mss-dialogue-2021/>

André Standing, "Criminalidade na indústria pesqueira de África: Uma ameaça à segurança humana" Centro África de Estudos Estratégicos *Africa Security Brief* No. 33, 2017:

- EN: <https://africacenter.org/publication/criminality-africa-fishing-industry-threat-human-security/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/publication/criminalite-peche-commerciale-afrique-menace-securite-humaine/>
- PO: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2017/11/ASB33PT-Criminalidade-na-industria-pesqueira-de-Africa-Uma-ameaca-a-seguranca-humana.pdf>

"Maritime Security in the Western Indian Ocean: A Conversation with Assis Malaquias," 7 de julho de 2017:

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/maritime-security-western-indian-ocean-a-discussion-with-assis-malaquias/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/spotlight/la-securite-maritime-dans-la-partie-occidentale-de-locean-indien-une-discussion-avec-assis-malaquias/>

Módulo II: Interpretar as Dinâmicas da Segurança

Sessão Plenária 7: Juventude, Paz e Segurança

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Identificar as principais questões relacionadas com a paz e a segurança que afetam a juventude em África.
- Discutir lacunas, desafios e prioridades da agenda da Juventude em Paz e Segurança em África.
- Examinar a componente-chave do quadro continental para a Juventude, Paz e Segurança.
- Examinar o papel dos líderes do setor da segurança na promoção do envolvimento dos jovens no setor da segurança.

Contexto:

África continua a ser o continente mais jovem do mundo, com uma idade média de 19,7 anos. Até 2050, um em cada três jovens viverá na África Subsaariana. Confrontados com o espantoso desemprego juvenil e a insatisfação generalizada com o desempenho dos seus governos, os jovens africanos estão cada vez mais inquietos. Esta inquietação manifesta-se nas crescentes tensões entre uma juventude com mentalidade reformista e atores políticos que exercem o poder através da política de exclusão.⁴² A Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSCR 2250) e o Quadro Continental da União Africana para a Juventude, Paz e Segurança define "Juventude, Paz e Segurança" como "ações e processos conscientes para proteger os jovens da participação em conflitos violentos e de insegurança, e para promover e apoiar as suas contribuições para os esforços de paz em situações de conflito e pós-conflito".

A União Africana (UA), as Comunidades Económicas Regionais e os estados membros adotaram vários compromissos, iniciativas e mecanismos relacionados com a juventude, a paz e a segurança, incluindo o Quadro Continental para a Juventude, Paz e Segurança, a Carta da Juventude Africana e a nomeação de um Enviado da Juventude da UA e do Conselho Consultivo da Juventude⁴³. Apesar destes pronunciamentos políticos e instrumentos normativos, os progressos na inclusão significativa de mulheres e homens jovens na formação da paz e segurança continuam a ser lentos em África. Os principais desafios incluem barreiras estruturais que limitam a participação dos jovens e a sua capacidade de influenciar a tomada de decisões; violações dos seus direitos humanos; e investimento insuficiente na facilitação da sua inclusão e capacitação.

Sem um caminho de reforma, a juventude desesperará e as condições deteriorar-se-ão ainda mais, levando possivelmente a mais instabilidade e conflito. No entanto, a maioria dos jovens africanos não escolheu o caminho da violência. Muitos têm liderado os números recorde de protestos pacíficos vistos em toda a África nos últimos anos. Isto levanta a questão de como a juventude pode empenhar-se de forma significativa e construtiva nos seus países, impulsionando reformas e uma maior segurança. A agenda Juventude, Paz e Segurança ganhou impulso nos últimos anos

⁴² Peter Biar Ajak "African Youth Engaging in Peace and Security." *Destaque*, Centro África de Estudos Estratégicos, 2021.

<https://africacenter.org/spotlight/african-youth-engaging-in-peace-and-security/>

⁴³ "Quadro Continental para a Juventude, Paz e Segurança". Addis Abeba: União Africana.

https://au.int/sites/default/files/documents/39150-doc-continental_framework_on_youth_peace_and_security_-_english.pdf

e marca uma mudança na compreensão de quem são os jovens e qual é o seu papel na paz e segurança.

A capacitação e participação da juventude é um princípio fundamental da Agenda das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, como enfatizado pelo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (SDG) 10, que apela à promoção da inclusão social, económica e política da geração jovem, e pelo SDG 16, que visa assegurar uma tomada de decisões reativa, inclusiva, participativa e representativa a todos os níveis. O papel dos jovens no desenvolvimento e na segurança é moldado pela capacidade do estado de aproveitar o seu potencial e satisfazer as suas necessidades numa série de questões.

A Agenda 2063 da UA, UNSCR 2250 sobre Juventude, Paz e Segurança e a investigação emergente enfatizam a necessidade de mudar a narrativa para reconhecer os jovens como agentes positivos para a construção da paz e segurança, em vez de os estigmatizar como riscos. A criatividade e diversidade de iniciativas em que os jovens africanos se empenharam para promover a construção da paz e a boa governação demonstram a capacidade da juventude para a inovação e a resolução de problemas. Por exemplo, a RCSNU 2250 apela aos Estados-Membros para que incluam os jovens nas suas instituições e mecanismos para prevenir conflitos violentos e apoiar o trabalho que já está a ser realizado pelos jovens em paz e segurança. Embora muitos governos africanos reconheçam o papel essencial dos jovens na paz e segurança e como motores positivos da mudança, ainda há mais trabalho a fazer. Isso inclui o acesso dos jovens à educação de qualidade e ao desenvolvimento de competências para o emprego remunerado, a fim de reforçar o seu papel económico na sociedade e, por sua vez, as suas contribuições para a paz e a segurança.

Questões para discussão:

- Porque é a agenda da juventude, paz e segurança importante no seu país/região?
- De que forma é que as mulheres e os homens jovens estão política e socialmente empenhados e já contribuem para a paz e a segurança no seu país/região?
- Quais são as oportunidades e desafios da agenda da juventude, paz e segurança no seu país/região? Como podem os jovens colidir a agenda do Silenciamento das Armas da UA?
- Como é que o envolvimento dos jovens na formulação de políticas e estratégias relacionadas com a segurança, a paz e o desenvolvimento pode melhorar a segurança dos cidadãos no seu país?

Leituras necessárias:

União Africana, “Continental Framework for Youth, Peace and Security.” 2020:

- EN: <https://au.int/sites/default/files/documents/39150-doc-continental-framework-on-youth-peace-and-security-english.pdf>
- FR: <https://au.int/sites/default/files/documents/39150-doc-cadre-continental-pour-les-jeunes-la-paix-et-la-securite-docx.pdf>

Peter Biar Ajak, “African Youth Engaging in Peace and Security.” *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2021:

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/african-youth-engaging-in-peace-and-security/>

- FR: <https://africacenter.org/fr/spotlight/la-jeunesse-africaine-engagee-pour-la-paix-et-la-securite/>

Daniel Agbiboa, "Youth as Tactical Agents of Peacebuilding and Development in the Sahel." *Journal of Peacebuilding & Development*, Vol. 10 (3), 2015.

https://www.researchgate.net/publication/288021839_Youth_As_Tactical_Agents_Of_Peacebuilding_And_Development_In_The_Sahel

Recursos adicionais do Centro África:

"The Battle for the Soul of Uganda." *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2020:

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/battle-soul-uganda/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/spotlight/ouganda-bataille-avec-pour-enjeu-lame-de-la-nation/>

"EndSARS Demands Nigerian Police Reform." *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2020:

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/endsars-demands-nigerian-police-reform/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/spotlight/endsars-demande-une-reforme-de-la-police-nigeriane/>

Sessão Plenária 8: Mulheres, Paz e Segurança

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Examinar como o género tem impacto na segurança em África, tanto para homens como para mulheres.
- Analisar o papel do género em grupos armados não estatais em África.
- Avaliar criticamente os esforços recentes para melhorar a integração da perspectiva de género no setor da segurança em África.
- Examinar o papel dos líderes do setor da segurança na melhoria da integração da perspectiva de género no setor da segurança.

Contexto:

O trabalho de vários africanos que ganharam o Prémio Nobel da Paz ilustra como as perspetivas de género moldam a segurança. Em 2011, a ex-presidente liberiana, Ellen Johnson-Sirleaf, e a ativista da sociedade civil Leymah Gbowee, ganharam o prémio pelos seus esforços para promover a paz após anos de guerra civil. Em 2018, Denis Mukwege da República Democrática do Congo (RDC) ganhou o prémio pelo seu trabalho médico e de sensibilização para "pôr fim ao uso da violência sexual como arma de guerra e de conflito armado".⁴⁴ Como estes exemplos mostram, tanto homens como mulheres têm interesse em enfrentar os desafios de segurança com uma perspetiva de género. O género é frequentemente equacionado com a mulher, mas a sensibilidade ao género significa na realidade pesar as necessidades, contribuições e perspetivas de homens e rapazes, bem como de mulheres e raparigas. Algumas formas notáveis em que o género influencia o setor da segurança incluem:

Dinâmica da violência e da paz. Mulheres e raparigas, bem como homens e rapazes, desempenham papéis-chave na perpetração e resolução de conflitos violentos. Em grupos armados não estatais, as mulheres são por vezes solicitadas a trabalhar atrás das linhas da frente ou a desempenhar papéis familiares e domésticos; em outros casos, são recrutadas para o combate e destacadas. As mulheres são tão propensas à violência e impulsionadas por muitas das mesmas queixas que os homens, mas muitas vezes experimentam conflitos e violência de forma diferente e têm posições sociais e recursos diferentes para enfrentar os desafios de segurança. Com base nos seus muitos papéis sociais, políticos e económicos, as mulheres também trazem perspetivas essenciais à construção da paz e à luta contra o extremismo violento (CVE).

Realização da segurança cidadã e humana. A noção de segurança evoluiu da segurança do regime para incluir um maior enfoque no bem-estar dos cidadãos e da comunidade. A resposta às diferenças de género nas experiências no contexto da segurança dos cidadãos continua a ser essencial para alcançar a paz, a estabilidade, o desenvolvimento e a boa governação. Por exemplo, a violência sexual e baseada no género (quer ocorra em tempo de paz ou como resultado de conflito) deve ser abordada como parte da agenda de segurança nacional, se essa agenda servir para garantir efetivamente a segurança cidadã e humana.

Segurança nacional, governação da segurança e reforma do setor da segurança. As mulheres continuam sub-representadas nas instituições do setor da segurança e nos processos estratégicos de segurança nacional em África, embora alguns parlamentos africanos estejam entre os melhores

⁴⁴ <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/2018/mukwege/facts/>

do mundo em representação das mulheres. Este é o caso, apesar da atenção crescente ao género e à segurança em África desde que a Resolução 1325 do Conselho de Segurança da ONU foi aprovada em 2000, inclusive através do Programa de Género, Paz e Segurança 2015-2020 da UA. A Agenda 2063 da UA procura aumentar a inclusão das mulheres na liderança relacionada com uma série de questões, e a UA também fez da igualdade de género e do empoderamento das mulheres princípios centrais da reforma do setor da segurança. A inclusão pode acontecer de diferentes formas. Através da integração do género, os agentes de segurança podem certificar-se de que as suas instituições e pessoal estão a avaliar consistentemente como as suas políticas e planos propostos podem afetar homens e mulheres, bem como rapazes e raparigas de forma diferente, e trabalhar para minimizar as consequências negativas para todos. Outra abordagem importante é promover não só uma representação mais equilibrada do género, mas também a participação igualitária de homens e mulheres nas instituições, sessões de desenvolvimento de estratégias, processos de supervisão e consultas públicas que se relacionem com o setor da segurança e defesa.

Questões para discussão:

- Como é que os desafios de segurança afetam as mulheres e os homens de forma diferente no seu país/região?
- Quais são os desafios para incluir as perspetivas de género na estratégia de segurança e na elaboração de políticas?
- Como podem a liderança estratégica e os líderes do setor da segurança melhorar a sensibilidade ao género e a integração da perspetiva do género no setor da segurança?
- Como podem os EUA e outros parceiros apoiar o seu país/região para melhorar a integração da perspetiva de género no setor da segurança?

Leituras necessárias:

Bineta Diop e Phumzile Mlambo-Ngcuka, “African Women Leaders Network: A Movement for the Transformation of Africa.” *Renovação de África*, 2020:

- EN: <https://www.un.org/africarenewal/web-features/african-women-leaders-network>
- FR: <https://www.un.org/africarenewal/fr/a-la-une/reseau-des-femmes-africaines-dirigeantes-un-mouvement-pour-la-transformation-de-lafrique>

União Africana, “Estratégia da união africana para a igualdade de género & empoderamento da mulher (gewe)”:

- EN: https://au.int/sites/default/files/documents/36195-doc-au_strategy_for_gender_equality_womens_empowerment_2018-2028_report.pdf
- FR: https://au.int/sites/default/files/documents/36897-doc-52569-au-fr-final_web.pdf
- PO: https://au.int/sites/default/files/documents/36897-doc-52569-au-por_web.pdf

Comissão da União Africana, “Continental Results Framework: Monitoring and Reporting on the Implementation of the Women, Peace, and Security Agenda in Africa (2018-2028)”:

- EN: https://au.int/sites/default/files/documents/35958-doc-continental_results_framework_wps_.pdf

- FR:
<https://issat.dcaf.ch/fre/download/145747/2997043/Cadre%20Continental%20de%20R%C3%A9sultats.pdf>

Aisha Fofana Ibrahim, Alex Sivalie Mbayo e Rosaline McCarthy, "Understanding the Links Between Gender and Security," em *Tool 8: Integrating Gender in Security Sector Reform and Governance*. Geneva Centre for the Democratic Control of Armed Forces, pp. 3-15, 2015:

- EN:<https://www.dcaf.ch/sites/default/files/publications/documents/SSRG-West-Africa-Toolkit-Tool-8-EN.pdf>
- PO:<https://issat.dcaf.ch/download/112398/2038498/SSRG-West-Africa-Toolkit-Tool-8-PO.pdf>

Recursos adicionais do Centro África:

“Mulheres na Paz e Segurança Africana: Qual é a Situação da Política e Prática?” Webinar, 19 de novembro de 2020:

- EN:<https://africacenter.org/programs/women-african-peace-security-where-policy-practice-stand/>
- FR:<https://africacenter.org/fr/programs/femmes-paix-securite-afrique-politiques-pratiques/>
- PO:<https://africacenter.org/pt-pt/mulheres-paz-seguranca-africana-situacao-politica-pratica/>

“Dimensões de Gênero no Combate ao Extremismo Violento na África” Webinar, 22 de setembro de 2021:

- EN:<https://africacenter.org/programs/gender-countering-violent-extremism-africa-2021/>
- FR:<https://africacenter.org/fr/programs/dimensions-genre-lutte-contre-extremisme-violent-afrique-2021/>
- PO:<https://africacenter.org/pt-pt/dimensoes-genero-combate-extremismo-violento-africa-2021/>

“As dimensões de gênero das operações de paz na África” Webinar, 19 de janeiro de 2022:

- EN:<https://africacenter.org/programs/2022-01-wps-pso-gender-dimensions-african-peace-operations/>
- FR:<https://africacenter.org/fr/programs/2022-01-wps-pso-dimensions-genre-operations-paix-afrique/>
- PO:<https://africacenter.org/pt-pt/2022-01-wps-pso-dimensoes-genero-operacoes-paz-africa/>

Sessão Plenária 9: Tendências da Democratização

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Examinar o progresso, os desafios e as oportunidades que os países africanos enfrentam para alcançar uma governação representativa e democrática, e as suas implicações em termos de segurança.
- Discutir os principais desafios da sucessão política constitucional e dos golpes militares no que diz respeito ao desempenho da governação e à perceção pública dos dividendos democráticos.
- Explorar a relação entre as políticas de democratização e de segurança em África.

Contexto:

O estado da democracia em África é indiscutivelmente uma das questões mais controversas e difíceis que o continente enfrenta atualmente. As sondagens de opinião pública do Afrobarómetro realizadas em 34 países do continente mostram que, de um modo geral, a democracia é procurada pela maioria dos cidadãos africanos, mesmo que também não seja fornecida pelos líderes e elites políticas africanas. A democracia é importante para proporcionar segurança e proteção aos cidadãos. Uma das principais razões é que os sistemas democráticos se baseiam num equilíbrio de poderes entre os diferentes ramos do governo, de tal forma que é possível uma competição política aberta e o exercício das liberdades civis. Poder Legislativo forte e Justiça independente podem tornar as ações do poder executivo mais legítimas, transparentes e responsáveis perante os cidadãos, incluindo nos domínios da defesa e da segurança. Os cidadãos são também titulares de direitos fundamentais no exercício de uma governação representativa e democrática, e têm o direito de utilizar estes direitos numa série de formas legais e pacíficas para resolver disputas e expressar preferências.

Enquanto muitos países estão a fazer progressos óbvios para melhorar a governação representativa e melhorar as relações entre o estado e a sociedade, outros parecem estar a regredir. O aumento global do nacionalismo e do autoritarismo reforça certas tendências negativas. Se a democracia pode ser concebida para se adaptar melhor às realidades africanas é uma questão-chave com a qual académicos e profissionais se continuam a debater.⁴⁵ Por muito que tenha havido avanços significativos na democratização, tem havido igualmente "retrocessos democráticos" e a consolidação da autocracia, embora sob o pretexto do eleitoralismo em contextos multipartidários. Embora seja importante reconhecer as realizações das histórias de sucesso do continente, e houve muitas ao longo das últimas décadas, é também crucial reconhecer os reveses que estão agora a ocorrer, incluindo através da recente vaga de golpes militares no Mali, Burkina Faso, Guiné, Chade e Sudão.

Por um lado, os países africanos fizeram grandes progressos na qualidade das eleições, transferências pacíficas de poder e respeito pelas liberdades fundamentais e liberdades civis desde que a maioria deles transitaram de regimes militares, monopartidários ou personalistas para sistemas competitivos multipartidários no início dos anos 90. Hoje, as sondagens de opinião do Afrobarómetro mostram que sete em cada dez africanos afirmam que "a democracia é preferível a qualquer outro tipo de governo", três quartos rejeitam o governo militar e dois terços

⁴⁵ Nic Cheeseman, "How to Design More Stable Democracies that Better Fit African Realities", *The Conversation*, 24 de julho de 2015, <https://theconversation.com/how-to-design-more-stable-democracies-that-better-fit-african-realities-45057>

são a favor do controle parlamentar do presidente, um pilar central da boa governação democrática e do controle civil do setor da segurança.⁴⁶ As organizações de base – incluindo as que mobilizam a juventude para defender a transparência e a responsabilidade na política – têm estado na vanguarda do envolvimento cívico para combater a corrupção, reforçar a governação local e contestar as tentativas de expansão do poder presidencial.⁴⁷

Por outro lado, os indicadores-chave dos direitos políticos e das liberdades civis em África estão em declínio desde 2006.⁴⁸ Nem todas as transições no poder são livres e justas, e algumas eleições exacerbam a corrupção e as tensões étnicas.⁴⁹ A independência judicial e as verificações e controlos também afetam estas dinâmicas, com maiores riscos de violência eleitoral em países com sistemas judiciais quase independentes, onde os cidadãos têm frequentemente dúvidas sobre se os tribunais irão resolver de forma justa as disputas eleitorais.⁵⁰ Embora a mudança de liderança não seja necessariamente um sinal da qualidade da democracia de um país, a abolição dos limites do mandato presidencial em alguns países tem suscitado preocupações. Estas medidas estão entre as que muitas vezes impedem o tipo de governação responsável e reativa que é necessária para produzir os "dividendos" políticos e económicos que os cidadãos esperam da democracia. Globalmente, estamos perante um quadro de complexidade e de tendências contraditórias.

Questões para discussão:

- Quais têm sido os sucessos e os desafios de estabelecer e manter a democracia no seu país/região? Que fatores explicam as histórias de sucesso e os desafios no seu país ou região?
- Como é que os líderes do seu país/região melhoraram ou inibiram a governação democrática em geral e no setor da segurança?
- Que medidas práticas pode o seu país/região tomar para enraizar a governação democrática em geral e no setor da segurança em particular?
- Que papel pode e deve o setor da segurança desempenhar na formação das culturas e práticas da democracia no seu país? Os líderes jovens e emergentes têm algumas ideias, perspetivas, competências ou experiências particulares que possam trazer para a mesa?

Leituras necessárias:

Emmanuel Gyimah-Boadi, "Aspirations and Realities in Africa: Democratic Delivery Falls Short." *Journal of Democracy* 30:3, 2019. <https://muse.jhu.edu/article/729171>

⁴⁶ Joseph Asunka & E. Gyimah-Boadi, "Do Africans want democracy – and do they think they're getting it?" *Washington Post*, 22 de outubro de 2021, <https://www.washingtonpost.com/politics/2021/10/22/do-africans-want-democracy-do-they-think-theyre-getting-it/>

⁴⁷ Catherine Lena Kelly, "The Many Faces of Rule of Law and Security in Africa," *South Central Review* 37:2-3, 96-118, https://www.researchgate.net/publication/346574876_The_Many_Faces_of_Rule_of_Law_and_Security_in_Africa_South_Central_Review_372-3_96-118**Error! Hyperlink reference not valid.**

⁴⁸ Robert Mattes & Michael Bratton, "Do Africans still want democracy?" Afrobarometer Policy Paper No. 36, 2016, <http://www.afrobarometer.org/press/do-africans-still-want-democracy>; ver também Robert Mattes, "La démocratie en Afrique: La demande, l'offre, et le 'démocrate insatisfait,'" *Synthèse de Politique* no. 54 d' Afrobaromètre, fevereiro de 2019, <https://afrobarometer.org/fr/publications/pp54-la-democratie-en-afrique-la-demande-loffre-et-le-democrate-insatisfait>

⁴⁹ Landry Signé, "Accountability and Demand for Democracy Drive Leadership Changes in Africa", Brookings Institution, 14 de junho de 2018, <https://www.brookings.edu/opinions/accountability-and-demand-for-democracy-drive-leadership-changes-in-africa/>

⁵⁰ Meshack Simati, "Porque é que algumas eleições em África se tornam violentas?" *The Washington Post* Monkey Cage blog, 22 de novembro de 2017.

Emmanuel Gyimah-Boadi, “Le recul démocratique en Afrique de l’Ouest: Caractéristiques, causes, et solutions.” Fundação Kofi Annan, 2021.

https://www.kofiannanfoundation.org/app/uploads/2022/02/Le-recul-democratique-en-afrique-de-louest_caracteristiques-causes-et-solutions_Boadi_Decembre2021.pdf

Joseph Siegle e Candace Cook, “Infographic: Circumvention of Term Limits Weakens Governance in Africa.” *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2020 (atualizado a 17 de maio de 2021):

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/circumvention-of-term-limits-weakens-governance-in-africa/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/spotlight/en-afrique-contournement-limites-mandats-fragilise-gouvernance/>

Peter Fabricius, “African Coups are Making a Comeback.” Instituto de Estudos de Segurança-África, 2021:

- EN: <https://issafrica.org/iss-today/african-coups-are-making-a-comeback>
- FR: <https://issafrica.org/fr/iss-today/les-coups-detat-sont-de-retour-en-afrique>

Sessão Plenária 10: Estado de Direito e Governação do Setor da Segurança

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Discutir o que é o estado de direito como um princípio e um processo e o seu lugar na governação democrática e civil do setor da segurança.
- Considerar as diferentes formas como o estado de direito molda os impulsionadores dos desafios de segurança e as megatendências que afetam o futuro da segurança africana.
- Examinar os benefícios estratégicos e os desafios práticos que os líderes do setor da segurança enfrentam quando procuram estabelecer e reforçar o estado de direito no setor da segurança e construir relações de confiança com os cidadãos que o setor da segurança se destina a servir.
- Analisar o papel dos líderes do setor da segurança no avanço do estado de direito na governação do setor da segurança.

Contexto:

Na raiz de alguns dos esforços de democratização paralisados de África encontram-se fraquezas na governação da segurança e no estado de direito. Na sua forma mais simples, o estado de direito significa que ninguém está acima da lei, incluindo aqueles que governam; todas as pessoas são tratadas em pé de igualdade perante a lei, independentemente de quem sejam. As leis são claras, bem conhecidas e aplicadas de forma transparente e uniforme por um poder judicial independente. No limite, o estado de direito inclui responsabilidade, leis justas, governo aberto e justiça acessível a todos.⁵¹ A Agenda 2063 da União Africana avança ainda mais esta visão ao apelar a uma África em que as pessoas "desfrutem de um acesso comportável e oportuno a tribunais e serviços judiciais independentes que façam justiça sem medo ou favor". Assim, o estado de direito não se trata apenas de oficiais de segurança que aplicam a lei; é "um processo contínuo no qual os oficiais do Estado forjam relações de confiança com os cidadãos, com base em padrões locais, nacionais e internacionais relevantes sobre regras, direitos e reparação".⁵² Por outras palavras, a promoção do estado de direito é uma parte essencial da criação, por parte dos governos, de um "contrato social" com os cidadãos.

O estado de direito nos países africanos progrediu historicamente em ajustes e arranques. Durante a última década no Índice Ibrahim de Governação Africana, as pontuações médias dos países africanos sobre a governação global aumentaram, embora tenha havido um ligeiro declínio de 2018 para 2019. As melhorias globais da pontuação nos últimos dez anos têm sido impulsionadas em grande parte pelos progressos no desenvolvimento humano e pelas oportunidades económicas. O desempenho dos países africanos em matéria de segurança e estado de direito – bem como em fatores relacionados com a participação, direitos e inclusão que fazem parte do próprio estado de direito – diminuiu globalmente.⁵³ Os esforços anticorrupção são uma área do estado de direito em que tem havido progressos modestos, mas sustentados nos últimos anos, mas muito trabalho ainda tem de ser feito também nesta área para reforçar o estado de direito e a governação como um todo. Numa nota mais positiva, nas últimas sondagens Afrobarómetro, 77% dos cidadãos de 34 países expressaram a convicção de que o presidente do

⁵¹ World Justice Project, "What is the Rule of Law?" <https://worldjusticeproject.org/about-us/overview/what-rule-law>

⁵² Catherine Lena Kelly, "The Many Faces of Rule of Law and Security in Africa," *South Central Review* 37:2-3, 96-118, <https://muse.jhu.edu/article/774161>

⁵³ "2020 Ibrahim Index of African Governance: Index Report" Mo Ibrahim Foundation (2020). <https://mo.ibrahim.foundation/sites/default/files/2020-11/2020-index-report.pdf>

seu país deve obedecer a leis e tribunais, um aumento em relação às sondagens comparáveis realizadas em 2011-13, 2014-15 e 2016-18.⁵⁴ Ainda assim, é apenas em certos casos que a oferta deste tipo de norma de direito satisfaz a procura popular.

O estado de direito é um elemento central da boa governação do setor da segurança, que facilita o fornecimento de segurança transparente, responsável e legítima aos cidadãos com base no controlo democrático e civil do setor da segurança. O estado de direito é particularmente relevante para a governação da segurança à luz de evidências empíricas de que algumas ameaças à segurança, como o recrutamento extremista violento, tendem a ser exacerbadas por abusos cometidos pelo estado contra civis e pela perceção das pessoas do tratamento injusto por parte dos funcionários do estado. O profissionalismo dos serviços de segurança, bem como a perceção que os cidadãos têm do mesmo, dependem da existência de um sistema de verificações e controlos que garanta que todos respeitem as liberdades civis, os direitos humanos e o estado de direito. Existem, por conseguinte, uma série de instituições formais e informais que devem ser envolvidas de forma consistente e adaptável. As instituições formais de supervisão a nível nacional (como parlamentos, inspeções, instituições de provedores militares, comissões independentes anticorrupção e de direitos humanos) desempenham um papel fundamental no controlo das atividades e comportamentos das forças de segurança em relação aos cidadãos; os líderes civis devem também estar sujeitos à supervisão pelas mesmas instituições ou instituições semelhantes. As práticas quotidianas que os oficiais de segurança exercem com os cidadãos também são importantes, uma vez que todos os cidadãos detentores de direitos são uma parte interessada crucial no estado de direito. A supervisão local na governação do setor da segurança e na governação da segurança como um todo também depende do trabalho das organizações da sociedade civil, meios de comunicação social, autoridades consuetudinárias ou religiosas, mulheres e grupos de jovens, e fornecedores de segurança não estatais.

Quando existe uma boa governação do setor da segurança, estas instituições e os atores trabalham em complementaridade, dentro de um sistema robusto de verificações e controlos, para assegurar que as forças de defesa e segurança que "detêm e utilizam os meios de coerção em nome e para a proteção de toda a sociedade, não acabem por funcionar como uma ameaça aos mesmos elementos que deveriam proteger em primeiro lugar".⁵⁵

Questões para discussão:

- Como se relaciona o estado de direito com a segurança dos cidadãos em África? O que significam estes conceitos para as pessoas nas instituições e comunidades onde trabalha?
- Qual é a situação do estado de direito no seu país/região e particularmente no setor da segurança? Quais têm sido os desafios e os sucessos da aplicação do estado de direito e do avanço da boa governação do setor da segurança no seu país/região?
- Como estão a justiça e o estado de direito relacionados com os desafios de segurança que o seu país/região enfrenta (conflito, extremismo violento, crime organizado, etc.)? Como se relacionam a justiça e o estado de direito com as megatendências (explosão da juventude, urbanização, migração, alterações climáticas, etc.)?
- Que medidas práticas podem os países africanos tomar para promover o estado de direito no setor da segurança? Que instituições ou práticas utiliza o seu país para

⁵⁴ Joseph Asunka & E. Gyimah-Boadi, "Do Africans want democracy – and do they think they're getting it?" *Washington Post*, 22 de outubro de 2021, <https://www.washingtonpost.com/politics/2021/10/22/do-africans-want-democracy-do-they-think-theyre-getting-it/>

⁵⁵ Adedeji Ebo, "Parliamentary Oversight of the Security Sector in West Africa: Addressing Democratic Governance Deficits," in Adedeji Ebo and Boubacar N'Diaye, eds. *Parliamentary Oversight of the Security Sector in West Africa: Opportunities and Challenges*, Centro de Governança do Setor de Segurança de Genebra, 2008 :7.

assegurar que as forças de defesa e segurança construam relações com os cidadãos que facilitem tanto a aplicação justa/equitativa da lei como o respeito pelos direitos humanos?

- Os líderes africanos do setor da segurança têm interesse na construção de instituições democráticas e civis de supervisão que facilitem o estado de direito? Porquê ou porque não?

Leituras necessárias:

Charles Manga Fombad, "An Overview of the Crisis of the Rule of Law in Africa." *African Human Rights Law Journal* 18, 213-243, 2018.

https://repository.up.ac.za/bitstream/handle/2263/71546/Fombad_Overview_2018.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Catherine Lena Kelly, "Justice and Rule of Law Key to African Security." *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2021:

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/justice-and-rule-of-law-key-to-african-security/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/spotlight/la-justice-et-letat-de-droit-pierres-angulaires-de-la-securite-en-afrique/>

Godfrey Musila, "Why Justice Matters for Security." *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2018:

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/why-justice-matters-for-security-africa/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/spotlight/pourquoi-la-justice-est-importante-pour-la-securite/>

"Security Sector Governance." Centro de Governança do Setor de Segurança de Genebra, 2015:

- EN: https://www.dcaf.ch/sites/default/files/publications/documents/DCAF_BG_1_Security%20Sector%20Governance_0.pdf
- FR: https://www.dcaf.ch/sites/default/files/publications/documents/DCAF_BG_1_La%20gouvernance%20du%20secteur%20de%20la%20securite.pdf

Recursos adicionais do Centro África:

Webinar "Porque é que o Estado de Direito é importante para a eficácia do setor da segurança em África?", 16 de dezembro de 2021:

- EN: <https://africacenter.org/programs/jrol2021-rule-of-law-for-security-sector-effectiveness-in-africa/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/programs/jrol2021-etat-de-droit-efficacite-secteur-securite-afrique/>
- PO: <https://africacenter.org/pt-pt/jrol2021-estado-direito-importante-eficacia-setor-seguranca-africa/>

Webinar "Como as instituições nacionais de supervisão influenciam a governação do setor de segurança?", 26 de abril de 2022:

- EN: <https://africacenter.org/programs/2204rol-oversight-security-governance/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/programs/2204rol-institutions-controle-gouvernance-securite/>

- PO: <https://africacenter.org/pt-pt/2204rol-instituicoes-supervisao-governacao-seguranca/>

Painel “Roles of Parliament in Democratic and Civilian Security Sector Governance”, Fórum Africano dos Parlamentares 2022, 1 de março de 2022:

- EN: <https://africacenter.org/programs/african-parliamentarians-forum-2022/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/programs/forum-parlementaires-africains-2022/>

Módulo III: Resposta Regional e Internacional ao Desafio de Segurança

Sessão Plenária 11: Liderança Estratégica no Setor da Segurança em África

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Compreender o papel crítico da liderança no confronto com o panorama de segurança africano complexo e em mudança.
- Analisar os princípios de uma liderança estratégica eficaz num contexto africano.
- Destacar a importância da adaptabilidade para uma liderança eficaz no ambiente de segurança complexo e em constante mudança.
- Examinar o papel da liderança estratégica e dos líderes do setor de segurança no desenvolvimento e implementação de estratégias de segurança nacional.

Contexto:

Há um otimismo de que a África pode reivindicar a última parte do século XXI se os seus líderes estiverem preparados para aproveitar as oportunidades globais emergentes e enfrentar os desafios de segurança em evolução do continente. Dependendo da forma como os líderes africanos responderem proativamente ou reativamente aos desafios e oportunidades que enfrentam, as megatendências interligadas discutidas na Sessão 1 podem levar a ciclos virtuosos de estabilidade, crescimento e desenvolvimento, ou a ciclos viciosos de instabilidade, conflito e pobreza. O panorama dinâmico da segurança exige que os líderes do setor da segurança se afastem da velha abordagem do que é habitual ser feito e proporcionem uma liderança estratégica e proativa muito necessária para criar instituições resilientes a longo prazo, e tomar decisões decisivas e baseadas em evidências face à crise e à incerteza.

Embora existam diferentes abordagens à compreensão da liderança, o foco aqui é a *liderança estratégica eficaz* que é geralmente definida como "as capacidades únicas de antecipar, prever, manter a flexibilidade, pensar estrategicamente e capacitar os colaboradores para criar novas invenções que conduzam a transformações ou mudanças organizacionais".⁵⁶ Para além do desenvolvimento destas capacidades, a liderança estratégica também tem a ver com a capacidade de adaptação para responder adequadamente ao dinamismo e complexidade do contexto.⁵⁷ Com o ambiente externo em rápida mudança e incerto, a *liderança adaptativa* ganha terreno e proeminência.

A liderança adaptativa é definida como "a capacidade de antecipar necessidades futuras, articular essas necessidades para construir apoio e compreensão coletiva, adaptar as suas respostas com base na aprendizagem contínua e demonstrar responsabilidade através da transparência no seu processo de tomada de decisões".⁵⁸ Há cinco princípios-chave que são centrais para a aplicação da liderança adaptativa, nomeadamente: aprendizagem e adaptação com base em evidências; teste de tensão dos pressupostos e crenças subjacentes; agilizar os processos deliberativos de

⁵⁶ Alex Jaleha e Vincent Machuki, "Strategic Leadership and Organizational Performance: Critical Review of Literature." *European Scientific Review*. Vol 4(35): 127, 2018. <https://eujournal.org/index.php/esj/article/view/11558>

⁵⁷ Paul Schoemaker, Steve Krupp e Samantha Howland, "Strategic Leadership: The Essential Skills." *Harvard Business Review*. 91(1-2): 131-134, 2018. <https://hbr.org/2013/01/strategic-leadership-the-essential-skills>

⁵⁸ Ben Ramalingam et al, "5 Principles to Guide Adaptive Leadership," *Harvard Business Review*, 11 de setembro de 2020. <https://hbr.org/2020/09/5-principles-to-guide-adaptive-leadership>

tomada de decisão; apreciação do significado da responsabilidade, transparência e inclusão; e mobilização da ação coletiva.⁵⁹

O conceito de liderança está bem incorporado nos valores e culturas africanas que sustentaram as comunidades africanas durante os tempos difíceis da escravidão e da colonização. Por exemplo, o conceito de *ubuntu* é uma ética de liderança sul-africana que significa "uma pessoa é uma pessoa através dos outros" e proporciona a compreensão de nós próprios em relação ao mundo.⁶⁰ Uma ética semelhante, encontrada na África Ocidental, é a *Kurukan Fuga*⁶¹ ou a Carta Manden, que estabeleceu a Federação dos Clãs Mandinka sob um governo e delineou leis pelas quais o povo Malinké deve respeitar a paz social, coexistir na diversidade e viver com dignidade. Algumas das características indispensáveis que a maioria dos líderes estratégicos têm em comum incluem ser um visionário, ter elevados valores morais e éticos, ser pensador estratégico, investir no desenvolvimento do capital social e humano, bem como na liderança futura, ser um aprendiz rápido, ser um iniciador de mudança e demonstrar capacidade tanto de dar sentido como de fazer sentido.⁶²

Questões para discussão:

- Quem são alguns líderes (nacionais, regionais, continentais e internacionais) que considera serem modelos de liderança e porquê?
- Vê-se como um líder, e o que pode fazer para se tornar um líder estratégico eficaz?
- Pode partilhar valores e normas culturais no seu país ou região que promovam uma liderança eficaz?
- Com base na experiência da COVID-19 no seu país/região, pode partilhar a sua avaliação da qualidade da liderança fornecida para enfrentar a pandemia e o que poderia ter sido feito de forma diferente?
- Conhece algum líder na sua comunidade/país/região que tenha facilitado uma mudança positiva? Que fatores levaram ao seu sucesso como líder?

Leituras necessárias:

Ben Ramalingam et al, "Five Principles to Guide Adaptive Leadership." Harvard Business Review, 2020. <https://hbr.org/2020/09/5-principles-to-guide-adaptive-leadership>

Regina Eckert e Simon Rweyongoze, "Leadership Development in Africa: A Focus on Strengths." Center for Creative Leadership, 2015. <https://www.ccl.org/wp-content/uploads/2015/04/leadershipDevelopmentAfrica.pdf>

Kwesi Aning e Joseph Siegle, "Deep Commitment, High Expectations: The Values of the Next Generation of African Security Sector Leaders." Africa Defense Forum, 2018:

- EN: <http://adf-magazine.com/deep-commitment-high-expectations/>
- FR: <http://adf-magazine.com/engagement-profond-attentes-elevees/?lang=fr>

Sam Adeyemi, "Africa does not Need Charity, it Needs Good Leadership," Fórum Económico Mundial sobre África, 2017. <https://www.weforum.org/agenda/2017/05/africa-doesn-t-need-charity-it-needs-good-leadership>

⁵⁹ Ramalingam et al, *op cit*.

⁶⁰ Ver <https://historyplex.com/ubuntu-african-philosophy>

⁶¹ Ver <https://en.unesco.org/mediabank/23135/>

⁶² Página 211, Asif, *op cit*.

Sessão Plenária 12: Estabelecimento de Novas Relações Cívico-Militares e Reforma do Setor da Segurança

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Definir o conceito e elementos-chave das Relações Cívico-Militares (RMC) e a sua ligação com a governação democrática do setor da segurança.
- Partilhar alguns dos desafios no desenvolvimento de RMC saudáveis e como superar tais desafios.
- Discutir como a reforma do setor da segurança e a promoção de instituições sólidas de governação do setor da segurança podem contribuir para forjar uma RMC saudável, e vice-versa.
- Discutir o papel da liderança estratégica na construção e nutrição de RMC saudáveis.

Contexto:

As Relações Cívico-Militares (RMC) descrevem a forma como os militares e a sociedade que se pretende proteger interagem. É geralmente definido como um acordo negociado entre três intervenientes na segurança: cidadãos, autoridades governamentais cívicas e militares.⁶³ As RMCs concentram-se menos nas relações e mais nas regras para um controlo civil democrático eficaz das forças de segurança, e em como forjar um contrato social entre a sociedade civil, o governo civil eleito e as instituições de segurança. Possivelmente, o maior desafio é enfrentar o dilema de "quem guarda os guardiães".⁶⁴ e criar caminhos para conciliar o desejo do setor da segurança de agir sobre as necessidades dos civis com a capacidade de fazer apenas aquilo que os civis autorizam.⁶⁵

No entanto, o conceito de RMC mudou à luz da mudança do conceito de segurança e da natureza das ameaças à segurança. O conceito de segurança evoluiu de centrado no estado para centrado nas pessoas, com os cidadãos (em vez do estado) a tornar-se um objeto de referência na forma como a segurança é percebida, planeada, gerida, entregue e supervisionada. A natureza das ameaças à segurança mudou de ameaças mais existenciais à integridade territorial do estado para ameaças à segurança mais complexas que não podem ser enfrentadas pelo uso tradicional da força militar, mas sim por uma resposta coordenada e colaborativa de todas as instituições de segurança a nível nacional, regional e internacional.

Um desafio-chave na maioria dos países africanos é como alimentar RMCs saudáveis que criem um ambiente seguro conducente à segurança dos cidadãos, criação de emprego, justiça e estado de direito. Há uma regressão alarmante na democracia e uma vaga de golpes de estado em África, combinados com o aumento não controlado das despesas militares, tudo isto sem melhorias significativas na segurança e proteção dos cidadãos.⁶⁶ O Índice Ibrahim de Governação Africana mostra uma diminuição da confiança dos cidadãos nas forças de segurança, particularmente na

⁶³ Mackubin Thomas Owens, *US Civil-Military Relations After 9/11: Renegotiating the Civil Military Bargain* (New York: The Continuum International Publishing Group, 2011), 13.

⁶⁴ Thomas Bruneau e Florina Christina Matei, "Towards a New Conceptualization of Democratization and Civil-Military Relations". *Democratização*. Vol 15(5) pp. 909 - 929, 2008. https://fsi-live.s3.us-west-1.amazonaws.com/s3fs-public/Bruneau_final_file.pdf

⁶⁵ Ver Feaver, Peter D. 1996. "The Civil-Military Problematique: Huntington, Janowitz, and the Question of Civilian Control", *Armed Forces and Society*, vol. 23, no. 2, pp. 149-178

⁶⁶ Nan Tian, "A cautionary tale of military expenditure transparency during the great lockdown." SIPRI, 2020.

<https://www.sipri.org/commentary/blog/2020/cautionary-tale-military-expenditure-transparency-during-great-lockdown>

polícia e no exército.⁶⁷ Estes indicadores demonstram RMCs cada vez mais problemáticos, com crescente intrusão militar na política e no controlo da população civil. Esta tendência regressiva tem sido exacerbada pela fraca supervisão civil do setor de segurança e por lacunas no conhecimento, na experiência e nas atitudes.

Inverter uma tendência tão sombria em África é urgente e exigirá repensar, renegociar, reformar, ou transformar o quadro da RMCs. Quadros não só para a reforma do setor da segurança, mas também para uma boa governação do setor da segurança, proporcionam uma oportunidade para os países em desenvolvimento ou democracias consolidadas, bem como os que emergem da ditadura militar, de forjar novos RMCs que consolidarão o controlo civil democrático do setor da segurança e do estado de direito. Foi demonstrado que o controlo civil democrático do setor da segurança não é suficiente por si só para sustentar RMCs saudáveis, uma vez que a eficácia e eficiência dos militares no cumprimento dos papéis e missões que lhes foram atribuídos também são importantes.⁶⁸ Sob sistemas de controlo democrático e civil do setor de segurança que resultam da construção de instituições de boa governação do setor de segurança, existem papéis e missões claramente definidos para as forças de segurança, mandatos e recursos legais e práticos para instituições e práticas de supervisão eficazes, e um compromisso com as normas e ética profissionais dentro dos serviços de segurança. Além disso, o desenvolvimento e implementação de estratégias centradas no cidadão e desenvolvidas de forma inclusiva – tais como estratégia de segurança nacional e estratégias de segurança setorial – é um instrumento potencialmente útil para melhorar as RMC, particularmente se tais estratégias forem também bem financiadas e judiciosamente geridas.

Questões para discussão:

- Como descreveria o estado das relações entre civis e militares/forças de segurança no seu país/região, e que forças de segurança têm mais confiança por parte dos cidadãos e porquê?
- Em que áreas é que as relações entre civis e militares no seu país/região precisam de ser melhoradas? Em que áreas melhoraram?
- Quais são algumas das limitações que os civis enfrentam no exercício do controlo democrático sobre as forças militares/de segurança no seu país/região e como pode ajudar a resolver essas limitações?
- Quem são os intervenientes relevantes para melhorar o estado das relações entre civis e militares no seu país/região e porquê?

Leituras necessárias:

Christopher Day, Moses Khisa e William Reno, "Rethinking the Civil-Military Conundrum in Africa." *Civil Wars* Vol 22(2-3) pp. 156-173, 2020.

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13698249.2020.1736808>

Nathaniel Allen e Luka Kuol, "Civil-Military Relations and Sudan's Traacherous Path to Democracy". *Texas National Security Review*, 2021. <https://tnsr.org/roundtable/policy-roundtable-the-military-and-mass-protests-in-africa/#essay3>

⁶⁷ Ver <https://mo.ibrahim.foundation/iag/2020-key-findings#kf1>

⁶⁸ Bruneau e Matei, *op. cit.*

NOTA - *leia por favor:*

Adedeji Ebo, "Towards a Code of Conduct for Armed and Security Forces in Africa: Opportunities and Challenges." Centro de Governança do Setor de Segurança de Genebra, 2005.
<https://gsdrc.org/document-library/towards-a-code-of-conduct-for-armed-and-security-forces-in-africa-opportunities-and-challenges/>

E compare-a com a peça seguinte:

Mathurin Houngnikpo, "Militares em África: Elemento em Falta nas Transições Democráticas" Centro África de Estudos Estratégicos, 2012:

- EN: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2016/06/ASB17EN-Africa%E2%80%99s-Militaries-A-Missing-Link-in-Democratic-Transitions.pdf>
- FR : <https://africacenter.org/fr/publication/armees-africaines-chainon-manquant-transitions-democratiques/>
- PO : <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2016/06/ASB17PT-Militares-em-%C3%81frica-Elemento-em-Falta-nas-Transi%C3%A7%C3%B5es-Democr%C3%A1ticas.pdf>

Augustin Loada and Ornella Moderan, "Envolvimento da Sociedade Civil na Governação e Reforma do Sector de Segurança" Centro de Governança do Setor de Segurança de Genebra, Capítulo 4, 2015:

- EN: <https://www.dcaf.ch/tool-6-civil-society-involvement-security-sector-reform-and-governance>
- FR : <https://www.dcaf.ch/sites/default/files/publications/documents/SSRG-West-Africa-Toolkit-Tool-6-FR.pdf>
- PO : <https://www.dcaf.ch/sites/default/files/publications/documents/SSRG-West-Africa-Toolkit-Tool-6-PO.pdf>

Sessão Plenária 13: Reforçar o Profissionalismo no Setor da Segurança em África

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Examinar a situação do profissionalismo no setor da segurança em África, particularmente nos serviços militares, policiais e de inteligência.
- Avaliar os desafios ao profissionalismo no setor da segurança e os custos de um profissionalismo fraco nos serviços militares, policiais e de inteligência africanos.
- Partilhar conhecimentos, experiências e lições aprendidas para melhorar e promover o profissionalismo no setor da segurança em África, particularmente nos serviços militares, policiais e de inteligência.
- Examinar o papel dos líderes do setor da segurança no avanço do profissionalismo no setor da segurança em África.

Contexto:

Está bem estabelecido que o reforço do profissionalismo no setor da segurança em África é fundamental para melhorar a segurança dos cidadãos, promover a estabilidade política, melhorar o estado de direito e a governação no setor da segurança e cultivar a confiança dos cidadãos nos funcionários de segurança. Embora seja um termo frequentemente utilizado, é necessário estabelecer um entendimento comum de "profissionalismo" para a sua aplicação no setor da segurança. Nas forças armadas, o profissionalismo é geralmente definido em termos dos princípios que orientam o profissional, tais como a subordinação dos militares à autoridade civil democrática, lealdade ao estado e um compromisso com a neutralidade política e uma cultura institucional ética. Os valores inerentes ao profissionalismo incluem disciplina, integridade, honra, sacrifícios, compromisso com o bem maior da sociedade, dedicação ao serviço, responsabilidade individual e responsabilidade moral pela agência e serviço em detrimento do interesse pessoal.⁶⁹

Apesar do apelo da União Africana para que os estados membros invistam no desenvolvimento abrangente de capacidades e no profissionalismo no setor da segurança⁷⁰, o profissionalismo militar em África tem sido enfraquecido, como se manifestou numa recente onda de golpes de estado, diminuindo a confiança popular nos militares, criando instabilidade política, corrupção e incapacidade de enfrentar a insegurança e violência causadas pelos atores de segurança não estatais. Embora existam muitas razões que explicam o fraco profissionalismo militar em África, alguns fatores de primeira preocupação são a falta de verificações e controlos sistemáticos, a politização dos militares e a militarização da política, assim como, a ambiguidade sobre as missões dos militares que servem para proteger o governo e não os cidadãos.⁷¹ Em última análise, o profissionalismo dos serviços de segurança, bem como a perceção que os cidadãos têm do mesmo, dependem da existência de um sistema de verificações e controlos que garanta que todos respeitem as liberdades civis, os direitos humanos e o estado de direito. Instituições de supervisão formais a nível nacional – como parlamentos, inspeções, instituições de provedores militares, comissões independentes anticorrupção e de direitos humanos – desempenham um papel

⁶⁹ Emile Ouedraogo, "Advancing Military Professionalism in Africa". *Documento de investigação n° 6*. Centro África de Estudos Estratégicos, Páginas 1-3, 2014. <https://africacenter.org/publication/advancing-military-professionalism-in-africa/>

⁷⁰ African Union Policy Framework on Security Sector Reform, 2014, https://issat.dcaf.ch/download/60132/986021/AU_SSR_policy_framework_en.pdf

⁷¹ Ouedraogo, *op. cit.*

fundamental no controlo das atividades e comportamentos das forças de segurança em relação aos cidadãos. As práticas quotidianas que os oficiais de segurança exercem com os cidadãos também são importantes, juntamente com a supervisão local da segurança que pode envolver organizações da sociedade civil, meios de comunicação social, autoridades consuetudinárias e fornecedores de segurança não estatais.

Apesar do estatuto sombrio do profissionalismo militar em África, alguns militares demonstraram níveis notáveis de profissionalismo durante as transições políticas, eleições e revoltas populares contra os regimes autocráticos, defendendo o estado de direito e respeitando a constituição e a vontade do povo. A maioria dos profissionais do setor da segurança africanos não só estão satisfeitos com a sua profissão, como também têm um forte sentimento de orgulho em abraçar os valores do profissionalismo como o dever, a responsabilidade, o profissionalismo, o respeito e a honestidade.⁷² Em alguns países africanos, as forças armadas gozam do respeito dos cidadãos e tornam-se uma fonte do seu orgulho nacional. Isto mostra que o profissionalismo militar é produto de políticas, estratégias e liderança política, bem como o compromisso de cada indivíduo com os princípios do estado de direito no setor da segurança.

Os governos e os líderes do setor da segurança têm um interesse vital em reforçar o profissionalismo e a responsabilização das instituições de defesa e segurança. O desenvolvimento e implementação de estratégias de segurança nacional não só proporcionará mecanismos de controlo civil democrático e supervisão do setor da segurança para assegurar o respeito pelas liberdades civis, direitos humanos e estado de direito, mas também proporcionará orientação e clareza para os papéis, missão, mandato, normas e valores profissionais e doutrina das forças de segurança.

Questões para discussão:

- Como descreveria o nível de profissionalismo do setor da segurança, particularmente das forças armadas, da polícia e dos serviços de informação no seu país/região e as razões?
- Que instituições de segurança exibiram profissionalismo de qualidade e porquê?
- Qual acha que é o principal desafio ao profissionalismo militar/de segurança no seu país/região e porquê?
- O que pensa do futuro do profissionalismo militar/de segurança no seu país/região e porquê?
- Com base nas suas experiências, existem lições sobre como construir e fazer avançar uma força armada profissional e serviços de segurança no seu país/região?

Leituras recomendadas:

Emile Ouedraogo, "Promoção do Profissionalismo Militar em África". *Artigo de Investigação nº 6*, Centro África de Estudos Estratégicos, p. 1-3, 2014:

- EN : <https://africacenter.org/publication/advancing-military-professionalism-in-africa/>
- FR : <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2016/06/ARP06FR-Pour-la-professionnalisation-des-forces-arm%C3%A9es-en-Afrique.pdf>

⁷² Kwesi Aning e Joseph Siegle, "Assessing Attitudes of the Next Generation of African Security Sector Professionals." *Documento de investigação nº 7*. Centro África de Estudos Estratégicos, Páginas 1-2, 2019. <https://africacenter.org/publication/assessing-attitudes-next-generation-african-security-sector-professionals/>

- PO : <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2016/06/ARP06PT-Promo%C3%A7%C3%A3o-do-Profissionalismo-Militar-em-%C3%81frica.pdf>

Kwesi Aning e Joseph Siegle, "Avaliação das atitudes da próxima geração de profissionais do setor da segurança em África" *Artigo de Investigação nº 7*, Centro África de Estudos Estratégicos, p. 1-2, 2019:

- EN: <https://africacenter.org/publication/assessing-attitudes-next-generation-african-security-sector-professionals/>
- FR: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2019/08/ARP07FR%20-%20Evaluation%20des%20attitudes%20de%20la%20prochaine%20generation%20de%20professionnels%20du%20secteur%20de%20la%20securite%20en%20Afrique.pdf>
- PO: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2019/11/ARP07PT-Avaliacao-das-atitudes-da-proxima-geracao-de-profissionais-do-setor-da-seguranca-em-Africa.pdf>

David Novy, "Professionalism in the Armed Forces". *Artigo de Investifação*, Air War College, p. iv, 2017. <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/AD1038055.pdf>

União Africana, "Quadro de políticas para a reforma do sector segurança". P. 16, 2014:

- EN : https://issat.dcaf.ch/download/60132/986021/AU_SSR_policy_framework_en.pdf
- FR : https://issat.dcaf.ch/fre/download/60132/996775/SSR_policy_framework_fr.pdf
- PO: <https://www.peaceau.org/uploads/policy-framework-po.pdf>

Recursos adicionais do Centro África:

Webinar "Como as instituições nacionais de supervisão influenciam a governação do setor de segurança?", 26 de abril de 2022:

- EN: <https://africacenter.org/programs/2204rol-oversight-security-governance/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/programs/2204rol-institutions-contrrole-gouvernance-securite/>
- PO: <https://africacenter.org/pt-pt/2204rol-instituicoes-supervisao-governacao-seguranca/>
- EN: Africa Center for Strategic Studies, "Deepening a Culture of Military Professionalism in Africa." 2022. <https://africacenter.org/spotlight/deepening-culture-military-professionalism-africa/>

Conversa entre alunos: O que significa ser alumen do CEEA

Formato: Sessão Plenária

Grupo de discussão

Objetivos:

- Explorar os valores fundamentais partilhados, a visão holística da segurança e os conhecimentos técnicos (reforço das capacidades) que caracterizam os ex-alunos do CEEA e como colocar estes ativos em prática nos seus respetivos países.
- Debater os papéis que os ex-alunos do CEEA podem desempenhar através de associações de antigos alunos, na participação dos cidadãos na governança do sector da segurança num cenário de segurança africano complexo e em evolução.
- Identificar os principais desafios e obstáculos enfrentados pelos ex-alunos da CEEA na utilização criteriosa dos conhecimentos adquiridos no cumprimento das suas missões diárias e na participação dos cidadãos na governança do sector da segurança,
- Destacar novas perspetivas e oportunidades como ex-aluno da CEEA no desenvolvimento e implementação de uma política de segurança centrada nos cidadãos.

Contexto:

O CEEA é uma instituição do Departamento de Defesa dos EUA, criada em 1999 e financiada pelo Congresso Americano, para o estudo de questões de segurança relacionadas com África e servir como fórum para pesquisas bilaterais e multilaterais, comunicação, intercâmbio de ideias e formação envolvendo participantes militares e civis.⁷³ O seu objetivo final é aumentar a segurança dos cidadãos e reforçar a eficácia e a responsabilização das instituições africanas em apoio à política dos EUA em África.

A visão do CEEA é "segurança para todos os africanos, proporcionada por instituições que são eficazes e responsáveis perante os seus cidadãos". Para alcançar esta visão, o CEEA estabeleceu como missão "promover a segurança africana alargando a compreensão, fornecendo uma plataforma para um diálogo fiável, criando parcerias sustentáveis e catalisando soluções estratégicas".

Para este fim, o CEEA iniciou uma série de programas de formação e educação profissional, educação contínua e reforço das capacidades para instituições e organizações envolvidas no sector da segurança em África. Atualmente, o CEEA tem mais de 8.000 ex-alunos civis e militares, espalhados por todo o continente, que beneficiaram de uma variedade de programas de formação em todas as áreas das questões de segurança em África. Os conhecimentos e a experiência adquiridos são mantidos através de formação contínua sobre questões relevantes no contexto complexo e evolutivo da segurança africana, tais como o extremismo violento e o terrorismo, a segurança marítima, a ameaça cibernética, a criminalidade organizada transnacional, o Estado de direito, a política de segurança nacional e o desenvolvimento de estratégias, etc. O exemplo do módulo sobre política da segurança nacional e desenvolvimento de estratégias feito exclusivamente pelo CEEA oferece uma perspetiva africana única na resposta aos desafios de segurança que os países africanos enfrentam. Oferece uma oportunidade exclusiva para os

⁷³ 10 U.S.C. 342

antigos alunos do CEEA darem um enorme contributo para a construção de uma nova arquitetura de segurança que responda aos múltiplos e complexos desafios de segurança do continente.

Os antigos alunos do CEEA estão, portanto, bem equipados para acrescentar valor à eficácia dos serviços que prestam. De facto, os serviços públicos em África estão cheios de antigos auditores da CEEA que ocupam altos cargos administrativos em ministérios como o da Defesa, Segurança, Administração Territorial, Justiça, Negócios Estrangeiros, Serviços de Informação, etc., mas é evidente que o seu impacto não é visível. Além disso, as Associações de Antigos Alunos do CEEA, que desempenham o papel de organizações da sociedade civil no sector da segurança, estão a lutar para deixar a sua marca na participação dos cidadãos na governança do sector da segurança a nível comunitário, nacional e regional, com exceção das Associações de Antigos Alunos da Nigéria, Senegal e Costa do Marfim.⁷⁴

Para além dos conhecimentos e da experiência que adquiriram em matéria de segurança, os antigos auditores da CEEA pertencem sobretudo a uma comunidade que partilha uma visão comum da segurança, nomeadamente, a de uma segurança holística e centrada no cidadão para todos os africanos, defendida por instituições eficazes e responsáveis, com base nos princípios fundamentais do profissionalismo das instituições do sector da segurança. Os ex-alunos do CEEA devem, por conseguinte, ser os principais defensores e porta-voz desta nobre visão. Os antigos alunos da CEEA são pessoas com recursos valiosos que podem contribuir para uma mudança efetiva e significativa no sector da segurança em África.

Questões para discussão:

1. Pode dar uma panorâmica dos intervenientes e das OSC que trabalham no sector da segurança nos seus respectivos países e como avalia os seus contributos na perspetiva da segurança dos cidadãos?
2. Como avalia a contribuição individual dos ex-alunos da CEEA nos processos de tomada de decisões em matéria de segurança nacional nos seus respectivos países?
3. Qual poderia ser o contributo dos antigos alunos do CEEA e das associações de antigos alunos nos vossos respetivos países no que diz respeito às questões de segurança nacional e regional?
4. Quais são os principais desafios que se colocam à plena participação dos antigos alunos do CEEA e das Associações de antigos alunos no reforço da eficácia das instituições de segurança e da participação dos cidadãos na governança do sector da segurança?

Recursos adicionais

1. Augustin Loada e Ornellan Moderan: The Role of Civil Society in Security Sector Reform and Governance (DCAF, Tool 6).

⁷⁴ Auto-avaliação das Associações de Antigos Alunos efetuada durante o Fórum realizado em DC. (23 a 27 de dezembro de 2023)

2. Documento Conceptual e Programa do CEEA para o Fórum de Líderes da Associação de antigos Alunos do CEEA, Reforço das Capacidades, da Parceria, 23-27 de janeiro de 2023, Washington, DC.

3. Emile Ouédraogo, Qual o Papel das Associações de Antigos Alunos do CEEA na Segurança Nacional e Regional? Apresentação feita no Fórum de Líderes da Associação de Antigos Alunos do CEEA, Washington, DC, (23-27 de janeiro de 2023).

Sessão Plenária 14: Desenvolvimento e Implementação da Estratégia de Segurança Nacional

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Examinar a fundamentação, conceitos-chave e pré-requisitos para o Desenvolvimento da Estratégia Nacional de Segurança (DESN) e elementos-chave do documento da Estratégia de Segurança Nacional.
- Discutir as fases típicas do DESN em África.
- Compreender alguns dos principais desafios no desenvolvimento e implementação da Estratégia de Segurança Nacional.
- Examinar o papel da liderança estratégica e dos líderes do setor de segurança no desenvolvimento e implementação de estratégias de segurança nacional em África.

Contexto:

Uma das funções essenciais de qualquer estado-nação é fornecer a sua própria segurança, bem como a segurança e a proteção dos seus cidadãos. Apesar dos recursos desmesurados atribuídos ao setor da segurança, muitos estados em África estão a tornar-se cada vez mais incapazes de garantir a segurança de todos os seus cidadãos, e em alguns casos os próprios estados tornaram-se fontes de insegurança. Apesar do aumento das despesas militares e de segurança em África, o Índice Ibrahim de Governança Africana mostra um declínio nos níveis de segurança nacional e de segurança e proteção dos cidadãos, bem como uma diminuição da confiança dos cidadãos nas instituições de segurança.⁷⁵ Esta insegurança crescente, a emergência de novas ameaças à segurança, e uma mudança no sentido de compreender a segurança como segurança para todos, em vez da segurança do regime ou do estado, tudo isto demonstra a necessidade de os governos africanos reavaliarem a forma de proporcionar segurança e proteção aos seus cidadãos.

No entanto, a maioria dos países africanos não tem uma estratégia de segurança nacional abrangente. Em vez disso, alguns países estratégias classificadas não coordenadas com estratégias de segurança setoriais que são formuladas com um envolvimento limitado ou nulo dos cidadãos, e largamente financiadas por parceiros externos sem uma efetiva apropriação nacional. Esta falta de uma grande estratégia como ponto de referência para os decisores no setor da segurança pode inibir uma coordenação eficaz, o alinhamento de recursos e a alavancagem de parcerias, priorização das ameaças à segurança e compreensão partilhada da visão de segurança nacional. Em reconhecimento desta lacuna, a União Africana (UA) solicitou aos seus estados membros que produzissem estratégias de segurança nacional. A "Solemn Declaration on a Common African

⁷⁵ Ver <https://iiag.online/data.html?meas=PubPercSaf&loc=g1&view=table>

Defense and Security Policy" (2004)⁷⁶ e o "Policy Framework on Security Sector Reform" (2014)⁷⁷ forneceram aos estados membros diretrizes para o desenvolvimento de tais estratégias num processo plenamente consultivo e participativo. As Nações Unidas também apoiam os seus estados membros na elaboração das suas políticas e estratégias de segurança nacional. Apesar deste apelo e orientações fornecidas pela UA e pela facilidade de apoio na ONU, muitos países africanos são incapazes de desenvolver tais estratégias, em grande parte devido a uma vontade política limitada, baixos níveis de conhecimento e um défice dos instrumentos práticos necessários e de experiência no desenvolvimento de tais estratégias.

Um processo bem concebido e inclusivo de formulação de uma estratégia de segurança nacional pode facilitar a criação de uma estratégia sólida. Este processo também permite aos decisores fazer planos eficazes para enfrentar as ameaças à segurança nacional e fazer melhorias a longo prazo no fornecimento de segurança ao estado e aos seus cidadãos.⁷⁸ Este processo também assegura a apropriação nacional, a inclusão e o consenso; estabelece as bases para as parcerias internas e externas que facilitam a implementação da estratégia de segurança nacional. Com base na sua experiência na socialização do conceito de DESN em todas as sub-regiões de África, o Centro África desenvolveu um conjunto de ferramentas intitulado *National Security Strategy Development in Africa: Toolkit for Drafting and Consultation*. O principal objetivo deste conjunto de ferramentas é descrever as fases comuns do processo DESN e servir como recurso para ajudar os intervenientes nacionais e regionais dos países africanos a elaborar ou rever as suas estratégias de segurança nacional. Desde a publicação e socialização deste conjunto de ferramentas, alguns países africanos adicionais iniciaram o processo de elaboração de estratégias de segurança nacional. Embora este conjunto de ferramentas forneça orientação para o processo, não é um modelo único para todos os casos, pois cada país terá de adaptar o processo ao seu contexto nacional único e desenvolver abordagens domésticas na elaboração e implementação da estratégia.

Questões para discussão:

- Sabe se o seu país/região tem uma estratégia de segurança? Em caso afirmativo, sabe como foi desenvolvido, se os cidadãos estavam envolvidos, ou se foi aprovado pelo parlamento? O documento é público?
- Se o seu país/região não tem uma estratégia de segurança, vê alguma razão para o seu país/região ter uma tal estratégia? Qual seria o papel da liderança em tal processo?
- Quem inicia o processo de DESN e porquê? Quem deve ser envolvido e consultado no processo DESN, porquê e em que fase do processo? Devem os meios de comunicação social, as mulheres, os jovens e a sociedade civil ser envolvidos no processo e, em caso afirmativo, como?
- Deve uma estratégia de segurança ser aprovada pelo parlamento e porquê? Deve ser mantido em segredo e porquê ou por que não?

Leituras necessárias:

⁷⁶ Ver <https://www.peaceau.org/uploads/declaration-cadsp-en.pdf>

⁷⁷ <http://www.peaceau.org/uploads/au-policy-framework-on-security-sector-reform-ae-ssr.pdf>

⁷⁸ Mark Cancian et al, "Formulating National Security Strategy: Past Experience and Future Choices." Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS), 2017. <https://www.csis.org/analysis/formulating-national-security-strategy>

Centro África de Estudos Estratégicos, “Desenvolvimento da estratégias de segurança nacional em África: Um kit de ferramentas para consulta e preparação”

- EN: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/01/National-Security-Strategy-Development-in-Africa-Toolkit-for-Drafting-and-Consultation-Africa-Center-for-Strategic-Studies-2022-01.pdf>
- FR: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/01/Developpement-dune-strategie-de-securite-nationale-en-Afrique-Centre-dEtude-Strategiques-de-lAfrique-2022-01.pdf>
- PO: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/02/Desenvolvimento-da-Estrategias-de-Seguranca-Nacional-em-Africa-Um-kit-de-ferramentas-para-consulta-e-preparacao.pdf>

Luka Kuol e Joel Amegboh, “Rethinking National Security Strategies in Africa.” *Journal of International Relations and Diplomacy*, Vol. 9 (1): 1-17, 2021.

<http://www.davidpublisher.com/Public/uploads/Contribute/60a72058556ba.pdf>

União Africana, “The Solemn Declaration on Common African Defense and Security Policy.” 2004:

- EN : <http://www.peaceau.org/uploads/declaration-cadsp-en.pdf>
- FR : <https://www.peaceau.org/uploads/declaration-cadsp-fr.pdf>

União Africana, “Quadro de políticas para a reforma do sector segurança”. 2014:

- EN: <http://www.peaceau.org/uploads/au-policy-framework-on-security-sector-reform-ae-ssr.pdf>
- FR: <https://www.peaceau.org/uploads/policy-framework-fr.pdf>
- PO: <https://www.peaceau.org/uploads/policy-framework-po.pdf>

Recursos adicionais do Centro África:

Programa de Desenvolvimento e Implementação da Estratégia de Segurança Nacional, 20 de abril - 5 de maio de 2021:

- EN: <https://africacenter.org/programs/nssd-2021-04-05/>
- FR : <https://africacenter.org/fr/programs/fr-nssd-2021-04-05/>
- PO : <https://africacenter.org/pt-pt/pt-nssd-2021-04-05/>

Processo de Desenvolvimento da Estratégia de Segurança Nacional: Programa Lições Aprendidas, 9-24 de março, 2021:

- EN: <https://africacenter.org/programs/national-security-strategy-development-lessons-learned/>
- FR : <https://africacenter.org/fr/programs/fr-nssd-mar-2021/>
- PO : <https://africacenter.org/pt-pt/pt-nssd-mar-2021/>

Sessão Plenária 15: Gestão de Recursos de Segurança em África

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Avaliar as tendências, padrões e impulsionadores das despesas de segurança/ militares em África.
- Discutir a ligação entre o ciclo orçamental e o desenvolvimento e implementação da estratégia de segurança nacional.
- Examinar as principais abordagens e princípios orçamentais e considerar como podem orientar o planeamento, atribuição e alinhamento dos recursos de segurança através da estratégia de segurança nacional.
- Partilhar desafios de introdução e implementação dos princípios de gestão da despesa pública e mobilização de recursos no setor da segurança, particularmente em relação a receitas e despesas extraorçamentais, empresas militares, salários e aquisições.
- Examinar o papel dos líderes do setor da segurança na gestão judiciosa e transparente dos recursos de segurança em África.

Contexto:

Os países africanos enfrentam desafios na geração, alocação e alinhamento de recursos do setor da segurança, particularmente quando ainda não desenvolveram as suas estratégias de segurança nacional inclusivas. A intensificação das ameaças à segurança em África tem levado muitos líderes de segurança a apelar a mais despesas no setor da segurança. De acordo com o Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), as despesas militares em África excederam 43 mil milhões de dólares em 2020, contra 15 mil milhões de dólares nos anos 90. As despesas com a defesa representaram uma média de 8,2% das despesas governamentais em toda a África em 2020, em comparação com uma média global de 6,5%. Os países que aumentaram as suas despesas militares em 2020 tenderam a ser autocracias e/ou países expostos a conflitos violentos. Apesar do aumento das despesas militares em África durante a última década, a segurança nacional, a segurança dos cidadãos e a confiança dos cidadãos na polícia e nas forças armadas têm vindo a deteriorar-se.⁷⁹

Estas estatísticas mostram que mais despesas militares *por si só* não melhoram necessariamente a segurança e a proteção. Em vez disso, podem criar um ambiente propício ao abuso do poder do estado, levando ao uso da violência do estado contra os cidadãos, ao desalinhamento e atribuição deficiente dos recursos públicos e à corrupção na utilização dos recursos de segurança.⁸⁰ As despesas militares têm de ser orientadas por políticas públicas centradas no cidadão e sujeitas a princípios orçamentais e controlo civil. Caso contrário, arriscam-se a sustentar um ambiente inseguro em que o conflito pode tornar-se num expediente lucrativo que permite ao setor da segurança sustentar e justificar elevados níveis de despesa.⁸¹ O aumento sem restrições das despesas militares sem orientação política é contraproducente e dificilmente irá conquistar a confiança dos cidadãos, porque despesas militares mais elevadas impedem o investimento em serviços públicos muito necessários - tais como saúde, educação e justiça. Além disso, existem preocupações crescentes de que o setor da segurança em África não esteja a aderir aos princípios

⁷⁹ Kuol e Amegboh, *op. cit.*

⁸⁰ Chimere Iheonu, Kingsley Odo e Davidmac Ekeocha, "Estimating the effect of democracy, governance and militarization on peace in Africa." Research Africa Network, *WP/20/046*, 2020. <http://publications.resanet.org/RePEc/abh/abh-wpaper/Estimating-the-effect-of-Democracy-Governance-and-Militarisation-on-Peace-in-Africa.pdf>

⁸¹ Maurice Ogonnaya, "Has counter-terrorism become a profitable business in Nigeria." Instituto de Estudos de Segurança (ISS), 2020. <https://issafrica.org/iss-today/has-counter-terrorism-become-a-profitable-business-in-nigeria>

orçamentais fundamentais, incluindo contestabilidade, responsabilidade e transparência, o que levou a um aumento da corrupção e das despesas e receitas extraorçamentais.⁸² Tudo isto sugere que mais despesas militares não podem, por si só, enfrentar as ameaças à segurança sem uma estratégia de segurança nacional abrangente em que os recursos sejam priorizados e alinhados.

A pandemia de COVID-19 expôs ainda mais os desafios de alinhar os recursos nacionais disponíveis com os objetivos nacionais estratégicos, satisfazendo ao mesmo tempo necessidades urgentes e imprevistas num ambiente de incerteza. Os orçamentos que foram apropriados antes das pandemias tornaram-se menos adaptáveis, com cortes de longo alcance na despesa pública para satisfazer necessidades urgentes e prioridades imperiosas. Isto causou algum desalinhamento dos recursos nacionais disponíveis e constrange a capacidade dos estados de fazer compromissos estratégicos na sua atribuição de recursos em diferentes setores que afetam a segurança, o desenvolvimento e a governação.⁸³ As condições atuais exigem uma revisão da ligação entre a Estratégia de Segurança Nacional e a gestão dos recursos de segurança no âmbito dos princípios de gestão das finanças públicas. Os desafios fiscais causados pela pandemia podem proporcionar oportunidades para repensar como tornar as estratégias de segurança e os orçamentos de segurança ágeis e adaptáveis.

Questões para discussão:

- Com base nas ameaças à segurança e nos desafios de desenvolvimento no seu país, acha que é necessário atribuir mais recursos ao setor da segurança e porquê?
- Com base no mais recente orçamento aprovado do seu país, a que instituição/agência do setor da segurança são atribuídos mais recursos, e essa atribuição é justificável?
- A que instituição/agência do setor de segurança do seu país devem ser atribuídos mais recursos públicos e porquê?
- Porque considera que o facto de ter a estratégia de segurança nacional desenvolvida através de um processo inclusivo e participativo ajudará na atribuição eficaz e no alinhamento dos recursos de segurança?

Leituras necessárias:

Bernard Harborne, William Dorotinsky e Paul Bisca (Eds.), "Securing Development: Public Finance and the Security Sector." O Banco Mundial, p. 7-14, 25-47, 2017:

- EN: <http://www.sipotra.it/wp-content/uploads/2017/05/SECURING-DEVELOPMENT.-Public-Finance-and-the-Security-Sector.pdf>
- FR: <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/25138/210766ovFR.pdf?sequence=4&isAllowed=y>

Luka Kuol e Joel Amegboh, "Rethinking National Security Strategies in Africa". *Journal of International Relations and Diplomacy*, Vol 9(1): 1-17, 2021.

<http://www.davidpublisher.com/Public/uploads/Contribute/60a72058556ba.pdf>

Chimere Iheonu, Kingsley Odo e Davidmac Ekeocha, "Estimating the effect of democracy, governance and militarization on peace in Africa." Research Africa Network, WP/20/046, 2020.

⁸² Bernard Harborne, William Dorotinsky e Paul Bisca (Eds.), "Securing Development: Public Finance and the Security Sector." O Banco Mundial. Pg. 7-14, 25-47, 2017. <http://www.sipotra.it/wp-content/uploads/2017/05/SECURING-DEVELOPMENT.-Public-Finance-and-the-Security-Sector.pdf>

⁸³ Tian, *op. cit.*

<http://publications.resanet.org/RePEc/abh/abh-wpaper/Estimating-the-effect-of-Democracy-Governance-and-Militarisation-on-Peace-in-Africa.pdf>

Maurice Ogonnaya, "Has counter-terrorism become a profitable business in Nigeria?" Instituto de Estudos de Segurança (ISS), 2020.

- EN: <https://issafrica.org/iss-today/has-counter-terrorism-become-a-profitable-business-in-nigeria>
- FR : <https://issafrica.org/fr/iss-today/la-lutte-contre-le-terrorisme-est-elle-devenue-une-activite-rentable-au-nigeria>

Recursos adicionais do Centro África:

Programa Alinhamento de Recursos com Estratégias de Segurança Nacional em África, 30 de novembro - 15 de dezembro de 2021:

- EN: <https://africacenter.org/programs/msra-nssd-2021-aligning-resources-national-security-strategies-in-africa/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/programs/msra-nssd-2021-alignement-ressources-strategies-nationales-securite-afrique/>
- PO: <https://africacenter.org/pt-pt/msra-nssd-2021-alinhamento-recursos-estrategias-seguranca-nacional-africa/>

Centro África de Estudos Estratégicos, 2021. "Desenvolvimento da estratégias de segurança nacional em África: Um kit de ferramentas para consulta e preparação". Páginas 40-41:

- EN : <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/01/National-Security-Strategy-Development-in-Africa-Toolkit-for-Drafting-and-Consultation-Africa-Center-for-Strategic-Studies-2022-01.pdf>
- FR : <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/01/Developpement-dune-strategie-de-securite-nationale-en-Afrique-Centre-dEtude-Strategiques-de-lAfrique-2022-01.pdf>
- PO : <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/02/Desenvolvimento-da-Estrategias-de-Seguranca-Nacional-em-Africa-Um-kit-de-ferramentas-para-consulta-e-preparacao.pdf>

Módulo IV: Resposta Regional e Internacional aos Desafios de Segurança

Sessão Plenária 16: Respostas Regionais às Ameaças de Segurança: Alerta e Resposta Precoce

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Fornecer uma visão geral dos desafios e oportunidades de desenvolver respostas preventivas regionais e sub-regionais aos desafios de segurança.
- Analisar o papel das Comunidades Económicas Regionais na abordagem coletiva das ameaças à segurança regional.
- Avaliar os pontos fortes e fracos das políticas regionais de segurança e defesa, mecanismos regionais de coordenação de segurança e defesa, e mecanismos de alerta/resposta precoce na abordagem dos desafios de segurança regional.

Contexto:

Os desafios de segurança regional predominantes em África transcendem as fronteiras políticas nacionais. Questões relacionadas com o crime organizado transnacional, conflitos violentos, insurreições terroristas, migração, alterações climáticas, proliferação de armas ligeiras e de pequeno calibre, e crise económica têm profundas implicações para a segurança humana, desenvolvimento socioeconómico e legitimidade dos regimes políticos nos estados afetados. Contudo, experiências recentes sugerem que é imperativo enfrentar estes desafios a nível regional e continental - e não apenas através de respostas nacionais isoladas, que são necessárias, mas insuficientes.

Enquanto a União Africana (UA) lidera o estabelecimento de normas a nível continental para a resolução de conflitos, construção da paz e conduta política aceitável, as Comunidades Económicas Regionais Africanas (CERs) estão a contribuir substancialmente para a resolução de conflitos e construção da paz nos seus bairros. Desde a Cimeira de Lomé de 2000 da UA, que lançou as bases para a adoção do Ato Constitutivo da UA, as CER têm sido reconhecidas como intervenientes críticos na resolução de conflitos. Estão também mandatadas para acelerar o desenvolvimento económico do continente, facilitando a integração e cooperação entre os estados africanos. Além disso, as CER tornaram-se cada vez mais as arenas para forjar normas sobre governação e democratização e para adotar políticas regionais de segurança e defesa, estratégias, e mecanismos de coordenação. Os mecanismos mais elaborados das CER para a segurança coletiva e a paz são os Sistemas de Alerta Precoce (SAP, que são ferramentas para a prevenção de conflitos e violência.

Muitas lições já foram aprendidas da experiência da África Ocidental com a Rede de Alerta Rápido e Resposta da CEDEAO (ECOWARN), lançada em 2003, e da experiência do Corno de África do Early Warning and Early Response Mechanism (CEWARN) do Conflito do IGAD, criada em 2002. Estes sistemas de alerta e resposta precoce destinam-se a identificar e analisar tendências de conflito, alertar as partes interessadas para riscos elevados de conflito, apoiar os decisores com informação atempada e iniciar respostas rápidas para prevenir conflitos e violência.

Contudo, ao reposicionar as CER como agentes de resolução de conflitos e de construção da paz, tem havido um reconhecimento crescente entre os países africanos de que não existem incentivos

políticos suficientes para integrar os compromissos e acordos regionais nos planos nacionais. As soberanias pós-coloniais definidas de forma estrita inibem ainda mais a cooperação e colaboração. Além disso, a eficácia das CERs varia muito com base na dinâmica de liderança, clivagens políticas e culturais e no nível de integração. No entanto, quando o conflito e a violência não conhecem fronteiras, a prevenção também não. O reforço da influência das CER nos esforços de prevenção, incluindo o alerta e a resposta precoce, será fundamental para a paz e a segurança em todo o continente.

Questões para discussão:

- Quão eficaz é a vossa CER na mobilização dos estados membros para enfrentar coletivamente os desafios de segurança regional? Por favor, partilhe alguns exemplos de sucessos e desafios.
- A sobreposição de países membros nas CER ajuda ou prejudica a capacidade das CER de coordenar respostas coletivas aos desafios de segurança?
- Que ênfase pensa que as CER devem dar à prevenção de conflitos e violência, por oposição a respostas mais reativas aos conflitos existentes? Porquê?
- Como podem os sistemas de alerta e resposta precoce ser eficazes na resposta atempada às ameaças à segurança na região?

Leituras necessárias:

Getachew Zeru Gebrekidan e Messay Asgedom Gobena, "Rethinking IGAD's Role in Addressing Emerging Regional Security Threats". Centro Wilson, 2021.

https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/media/uploads/documents/SVNP-2021-Joint-Paper-Getachew-Asgedom_0.pdf

Mark Whitlock and Robert Muggah, "Reflections on the evolution of conflict early warning." *International Journal of Security and Development*, 10 (1), 2022.

<https://www.stabilityjournal.org/articles/10.5334/sta.857/>

L'Organisation pour l'alimentation et l'agriculture (FAO), « Les mécanismes communautaires de réduction des risques de catastrophes pour des moyens d'existence résilients au Sahel. » 2017.

<https://www.fao.org/emergencies/recursos/documentos/recursos-detalle/es/c/1035230/>

Rede da África Ocidental para a Construção da Paz, "Annual Report 2021: Adapting Resilient Approaches and Synergies to Peacebuilding in the 'New Normal'." 2021:

- EN:<https://wanep.org/wanep/annual-report-2021-adapting-resilient-approaches-and-synergies-to-peacebuilding-in-the-new-normal/>
- FR:https://wanep.org/wanep/wp-content/uploads/2022/03/Wanep-2021_French.pdf

Sessão Plenária 17: Respostas da União Africana aos Desafios da Segurança

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Compreender as respostas da União Africana (UA) às questões de segurança em África, incluindo desafios e oportunidades.
- Avaliar a forma como os africanos responderam aos desafios de segurança através da Arquitetura Africana de Paz e Segurança (APSA), identificando sucessos, desafios e formas de ultrapassar desafios.
- Examinar como os líderes do setor da segurança podem fazer uso da APSA para proporcionar melhor segurança e proteção aos cidadãos.
- Discutir que medidas a UA e outros atores regionais podem considerar para aumentar a eficácia da APSA e para alcançar os objetivos da iniciativa "Silenciar as armas".

Contexto:

Em que medida pode a União Africana (UA), uma organização pan-africana, realizar a sua ambição de conduzir o continente para um futuro pacífico, seguro e próspero? Esta é uma questão da maior importância não só para a segurança, mas também para o desenvolvimento e governação em todo o continente. Uma das tarefas críticas da UA é utilizar a sua perícia, o seu peso diplomático e os seus recursos de segurança para assumir a liderança na resolução de conflitos. Historicamente, a UA tem procurado tutelar as operações apropriadas de paz e segurança em África; ou, pelo menos, participar efetivamente ao lado do Conselho de Segurança das Nações Unidas na sua gestão. Desde a criação da UA em 2002, o princípio da "não indiferença" tem, por vezes, estado em tensão com a "não interferência" privilegiada pela Organização de Unidade Africana, a antecessora da UA. Como resultado, a UA tem sido relutante em intervir em alguns casos e conflitos.

A UA decretou a Arquitetura Africana de Paz e Segurança (APSA) para apoiar o papel vital que a cooperação sub-regional e regional desempenha na segurança e desenvolvimento do continente. A APSA está enraizada num órgão decisório (o Conselho de Paz e Segurança), em mecanismos de análise e avaliação (o Sistema Continental de Alerta Precoce e o Conselho de Anciãos) e num instrumento de ação (a African Standby Force). Através da APSA, os líderes africanos procuram promover os mecanismos africanos para salvaguardar a segurança, responder a ameaças, mitigar riscos e construir a paz.

Através da APSA, a UA tem dado contribuições significativas para a paz e segurança africanas. A UA mandatou ou autorizou dezenas de operações de apoio à paz, desde missões multidimensionais ambiciosas, como a Missão da UA na Somália (AMISOM) recentemente terminada, até iniciativas regionais ad-hoc como a Força Conjunta G5-Sahel. O compromisso da UA com as mudanças constitucionais no governo e a sua política de "tolerância zero" tem sido, até recentemente, amplamente creditado com reduções significativas no sucesso dos *golpes de estado*.

No entanto, como evidenciado por aumentos recentes, tanto no conflito como por mudanças inconstitucionais no governo, a APSA ainda enfrenta obstáculos significativos se quiser alcançar os seus objetivos de pôr fim ao conflito e reforçar a segurança em África. Documentos estratégicos recentes como o Roteiro da APSA 2016-2020 e "Silenciar as armas em África até 2020" (agora alargado até 2030) estabelecem agendas de reforma ambiciosas. A UA tem sido uma instituição

muito mais robusta do que a antiga OUA, mas deve continuar a inovar e a adaptar-se se quiser conduzir África a um futuro pacífico, seguro e próspero.

Questões para discussão:

- Quão eficaz pensa que a UA é para enfrentar os desafios de segurança na sua região, e quão bem funciona com a sua CER?
- Qual é a sua opinião sobre a posição de não indiferença da UA em relação à não interferência da OUA nos assuntos internos dos estados membros?
- Até que ponto a África está a sair-se bem com o conceito de "soluções africanas para os problemas africanos"?
- Quão eficaz é a APSA na abordagem dos desafios de segurança na sua região e o que pode ser feito para superar quaisquer desafios?
- Como podem os líderes estratégicos e os líderes do setor da segurança fazer uso da APSA para proporcionar segurança aos estados e aos seus povos?

Leituras necessárias:

Paul Nantulya, "The African Union at 20: Much Accomplished, More Challenges Ahead." *Destaque Centro África de Estudos Estratégicos*, 2022:

- EN: <https://africacenter.org/spotlight/african-union-20-much-accomplished-more-challenges-ahead/>
- FR: <https://africacenter.org/fr/spotlight/lunion-africaine-fete-ses-20-ans-beaucoup-de-realisation-davantage-de-defis-a-relever/>

Paul Williams, "The African Union's Role in Peace Operations in Africa." Depoimento Diante da Câmara dos Representantes dos EUA, 2019. <https://docs.house.gov/meetings/FA/FA16/20190430/109339/HHRG-116-FA16-Wstate-WilliamsP-20190430.pdf>

União Africana, Arquitetura Africana de Paz e Segurança. "APSA Roadmap 2016 - 2020." p. 1-22, 2016. https://au.int/sites/default/files/documents/38310-doc-9_2015-en-apsa-roadmap-final.pdf

Rafaela Pinto Serpa, "A União Africana e o gerenciamento de conflitos no continente: a Arquitetura de Paz e Segurança Africana (APSA)." 2017. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/187593/001083298.pdf?sequence=1>

Sessão Plenária 18: Respostas das Nações Unidas aos Desafios da Segurança em África

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Examinar o trabalho do Departamento de Assuntos Políticos e de Construção da Paz das Nações Unidas (DPPA).
- Explorar a ligação entre DPPA, estados membros, CERs e a UA em questões relacionadas com a segurança.
- Avaliar o impacto das atividades de construção da paz no continente e as implicações do estado de direito e da justiça para a adoção de uma abordagem preventiva das crises, conflitos e instabilidade.
- Examinar como a liderança estratégica e os líderes de segurança podem fazer uso dos mecanismos disponíveis com DPPA para proporcionar melhor segurança aos estados e cidadãos em África.

Contexto:

Na sequência da reforma das infraestruturas de paz e segurança das Nações Unidas em 1 de janeiro de 2019, as nações Unidas reuniram o antigo Departamento de Assuntos Políticos (DPA) e o Gabinete de Apoio à Construção da Paz das Nações Unidas. A DPA e o antigo Departamento de Operações de Manutenção da Paz (agora Departamento de Operações de Manutenção da Paz, ou DPO) também fundiram as suas divisões regionais anteriormente paralelas para criar uma estrutura única, o Departamento de Assuntos Políticos e de Construção da Paz (DPPA), para fornecer uma análise política mais coerente e aconselhamento estratégico ao serviço da prevenção de conflitos, manutenção e construção da paz.⁸⁴ O DPPA oferece apoio na prevenção e mediação, na assistência eleitoral para a construção da paz e na implementação da agenda Mulheres e Juventude, Paz e Segurança estabelecida pelas resoluções 1325 e 2250 do Conselho de Segurança, respetivamente. Trabalha também em parceria com entidades como a União Africana e a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral para promover a paz e a segurança.

Embora isso não estivesse previsto na Carta das Nações Unidas, a manutenção da paz tornou-se uma missão-chave das Nações Unidas, tendo sido conduzidas numerosas operações em África. Muito frequentemente, o antigo departamento de assuntos políticos estava envolvido em atividades de manutenção da paz no continente. O Departamento de Assuntos Políticos (DPA) costumava gerir uma série de missões políticas especiais (SPMs) no terreno sob ambientes de segurança muito difíceis. Muitas destas missões têm mandatos complexos – incluindo em áreas como o reforço dos sistemas nacionais de justiça, polícia e correções, direitos humanos e justiça transitória – que muitas vezes têm implicações para o estado de direito e segurança, tanto direta como indiretamente.⁸⁵

O Departamento de Assuntos Políticos e de Construção da Paz (DPPA) desempenha agora um papel central nos esforços das Nações Unidas para prevenir conflitos e construir uma paz sustentável, incluindo em locais onde não existem operações de apoio à paz das Nações Unidas. À luz da crescente evidência empírica de que a adoção de uma abordagem preventiva para travar conflitos e crises pode salvar inúmeras vidas e milhões de dólares, os profissionais na área da construção da paz estão agora a procurar estratégias para abordar as queixas relacionadas com a

⁸⁴ Ver <https://dppa.un.org/en/about-us>

⁸⁵ Ver <https://www.un.org/ruleoflaw/un-and-the-rule-of-law/departament-of-political-affairs/>

segurança, justiça e governação que podem alimentar conflitos e insegurança se não forem tratadas. Em consonância com estes desenvolvimentos, o DPPA está empenhado em "monitorizar e avaliar a evolução política global com vista a detetar potenciais crises e a conceber respostas eficazes". O Departamento presta apoio ao Secretário-Geral e aos seus enviados nas suas iniciativas de paz, bem como às missões políticas das Nações Unidas em todo o mundo. O DPPA descreve-se também como uma plataforma ágil para a resposta a crises, capaz de posicionar rapidamente mediadores e outros especialistas em pacificação a nível mundial e de cooperar estreitamente com organizações regionais na linha da frente dos conflitos, a pedido dos países anfitriões.⁸⁶ As entidades dentro do DPPA também prestam apoio relacionado com a justiça e o Estado de direito que é fundamental para o avanço da segurança centrada nas pessoas. Por exemplo, o trabalho do Gabinete do Estado de Direito e das Instituições de Segurança (OROLSI) envolve o fornecimento de "conhecimentos técnicos de alta qualidade e apoio consultivo a pedido dos governos anfitriões para ajudar os países afetados por conflitos a restabelecer o estado de direito e as instituições de segurança necessárias para manter a paz".⁸⁷

Embora as Nações Unidas tenham ajudado África e apesar de alguns progressos no terreno, as forças de intervenção africanas continuam a enfrentar vários desafios perenes, incluindo o do financiamento. Outros problemas incluem a falta de equipamento relevante, desafios à plena integração da sociedade civil local e outras vozes de atores não estatais nos processos de construção da paz que apoiam, e questões políticas tais como mandatos adequados e regras de empenhamento.

Questões para discussão:

- Como avalia a eficácia das Nações Unidas em ajudar a enfrentar os desafios de segurança na sua região?
- Pensa que as Nações Unidas são mais eficazes do que a UA e as CER para enfrentar os desafios de segurança na sua região? Porquê ou porque não?
- Alguma vez foi destacado para atividades de manutenção ou construção da paz das Nações Unidas no continente? Em caso afirmativo, quais foram os sucessos e os desafios do cumprimento da sua missão?
- Como podem os líderes do setor da segurança fazer uso dos muitos mecanismos disponíveis no DPPA para proporcionar segurança aos estados e cidadãos em África e adaptar o seu trabalho às abordagens das Nações Unidas, cada vez mais centradas na prevenção e nas pessoas, para combater a insegurança?

Leituras necessárias:

"Pathways for Peace: Inclusive Approaches to Preventing Violent Conflict, Executive Summary." Nações Unidas e Banco Mundial, 2018:

- EN: https://www.pathwaysforpeace.org/sites/pathways/files/2018-02/Pathways-for-Peace_ES_eBook.pdf
- FR: <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/28337/211162ovFR.pdf?sequence=13&isAllowed=y>

Departamento de Assuntos Políticos e de Construção da Paz das Nações Unidas (DPPA):

⁸⁶ Ver <https://dppa.un.org/en/about-us>; <https://dppa.un.org/fr/about-us>

⁸⁷ <https://peacekeeping.un.org/en/office-of-rule-of-law-and-security-institutions> ; <https://peacekeeping.un.org/fr/office-of-rule-of-law-and-security-institutions>

- EN: <https://dppa.un.org/en>
- FR: <https://dppa.un.org/fr/>

UN DPPA, “Partnerships and Cooperation: African Union”:

- EN: <https://dppa.un.org/en/african-union>
- FR: <https://dppa.un.org/fr/african-union>

Sessão Plenária 19: Governo dos Estados Unidos: Assistência e Parceria de Segurança em África

Formato: Sessão Plenária
Grupo de discussão

Objetivos:

- Examinar os objetivos e mecanismos de assistência dos EUA à segurança em África.
- Avaliar o impacto e a eficácia da assistência em matéria de segurança dos EUA.
- Explorar o papel da liderança estratégica na utilização e aproveitamento da assistência externa para proporcionar melhor segurança aos cidadãos em África.

Contexto:

O Departamento de Estado é a agência líder da assistência externa dos EUA, coordenando os esforços interagências para apoiar os parceiros dos EUA através do Gabinete de Assistência Externa. Através de vários gabinetes e autoridades financiadoras, o Departamento de Estado também administra diretamente a assistência destinada a fazer avançar a paz e a segurança em África. Isto inclui programação para edificar a capacidade do setor da segurança africano, apoiar operações de paz, enfrentar o terrorismo, gerir conflitos, combater o crime organizado e reforçar a responsabilidade democrática e o estado de direito. Embora uma grande parte da assistência seja bilateral, o Departamento também adota uma abordagem regional.

A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) opera sob a autoridade do Secretário de Estado e fornece a maior proporção da assistência externa global dos EUA a África. A USAID promove os objetivos da política externa dos EUA através do apoio ao crescimento económico, agricultura, comércio, saúde global, democracia, prevenção de conflitos e assistência humanitária, entre outras iniciativas.

Embora o Departamento de Estado seja a principal agência de assistência estrangeira e forneça alguns fundos para a formação de forças militares estrangeiras (por exemplo, ACOTA), o Departamento de Defesa é o principal ator com as instituições de defesa estrangeiras. Os programas financiados pelo Departamento de Estado são implementados através de:

- International Military Education and Training (IMET)
- Formação financiada por Foreign Military Financing (FMF)
- International Narcotics and Law Enforcement (INL)
- African Contingency Operations Training and Assistance (ACOTA)
- Enhanced International Peacekeeping Capabilities (EIPC)
- Foreign Assistance Act (FAA)

Em abril de 2022, os Estados Unidos lançaram uma Estratégia Interagências para Prevenir Conflitos e Promover a Estabilidade, na sequência da aprovação, em 2019, da Lei Global da Fragilidade. A estratégia visa fornecer apoio integrado de longo prazo dos EUA aos esforços locais de prevenção da violência em larga escala. Os países costeiros da África Ocidental do Benim, Costa do Marfim, Gana, Guiné e Togo, assim como a Líbia e Moçambique, foram selecionados como países parceiros para este esforço, que receberá até 200 milhões de dólares anuais.

O Papel do Comando Africano dos E.U.A. (AFRICOM):

Em 2007, os Estados Unidos criaram um novo comando para África. Antes disso, a responsabilidade pelo continente africano era dividida entre três comandos dos EUA: Comando Europeu (EUCOM), Comando Central (CENTCOM) e Comando do Pacífico (PACOM). A criação da AFRICOM foi impulsionada pela crescente relevância estratégica do continente para os interesses críticos dos EUA. Para promover os objetivos estratégicos dos EUA, o AFRICOM trabalha com estados africanos e organizações regionais para ajudar a reforçar a estabilidade e a segurança na região. Faz isto através de uma variedade de programas e iniciativas destinadas a melhorar as capacidades de segurança nacionais e regionais, o profissionalismo militar e a boa governação.

Eficácia da Assistência à Segurança:

A investigação que avalia a eficácia da assistência dos EUA em matéria de segurança revela que nem todas as formas desta assistência são criadas de forma igual. Existe um consenso crescente de que a construção de instituições de defesa e segurança dirigidas por civis, representativas da sociedade, meritocráticas e capazes de uma liderança estratégica independente – em vez de se centrarem apenas no treino operacional e tático e no fornecimento de equipamento – são fundamentais para a construção de forças de segurança capazes de enfrentar os desafios de segurança contemporâneos de África. As principais características que tornam as parcerias de segurança mais eficazes na redução de guerras civis, insurreições, terrorismo e repressão governamental nos países africanos incluem "um contacto regular e intensivo entre conselheiros internacionais e o pessoal de segurança da nação parceira; um compromisso a relativamente longo prazo; uma supervisão estreita do desempenho das forças de segurança; e a integração de esforços de treino e equipamento numa estratégia política global".⁸⁸ Historicamente, as parcerias com estas características foram mais frequentemente construídas entre as forças norte-americanas e africanas em países onde a assistência à segurança era prestada em conjunto com uma operação de apoio à paz das Nações Unidas.

Questões para discussão:

- Quais são os elementos da assistência de segurança dos EUA e as políticas do Departamento de Defesa dos EUA para África que são mais significativos para si e para o seu trabalho?
- As perceções no seu país de origem são diferentes daquilo que aprendeu hoje?
- Como é que a informação que aprendeu hoje muda a forma como vai fazer o seu trabalho?
- Como podem a liderança estratégica e os líderes do setor da segurança aproveitar e alavancar a assistência dos EUA em matéria de segurança para promover as prioridades e interesses de segurança nacional em África?

Leituras necessárias:

General Thomas Waldhauser, "United States Africa Command 2022 Posture Statement." 2022. <https://www.armed-services.senate.gov/imo/media/doc/AFRICOM%20FY23%20Posture%20Statement%20%20ISO%20SASC%2015%20MAR%20Cleared.pdf>

⁸⁸ Ver Stephen Watts et al, "Reforming Security Sector Assistance for Africa," RAND Corporation Research Brief RB-10028-OSD/AFRICOM, 2018, https://www.rand.org/pubs/research_briefs/RB10028.html

U.S. Department of State Bureau of Conflict and Stabilization Operations, "United States Strategy to Prevent Conflict and Promote Stability." 2022. <https://www.state.gov/united-states-strategy-to-prevent-conflict-and-promote-stability/#goal-4>

Aline LeBoeuf, "La compétition stratégique en Afrique. Approches militaires américaine, chinoise, et russe." *Focus stratégique* 91, Institut Français des Relations Internationales, p. 17-18, 33-43 et l'annexe, 2019.

https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/leboeuf_competition_strategique_afrique_2019_0.pdf

Sessão Plenária 20: Potenciar a Assistência dos Doadores

Formato: Sessão Plenária **Grupo de discussão**

Objetivos:

- Identificar a variação dos modelos de assistência externa em matéria de segurança.
- Destacar o potencial de uma liderança eficaz para gerir e coordenar a assistência dos doadores externos.
- Investigar as ligações entre o desenvolvimento da estratégia de segurança nacional e a coordenação efetiva da assistência à segurança.

Contexto:

Muitos Estados africanos proporcionam segurança e proteção aos seus cidadãos dependendo não só dos seus próprios recursos mas também de parcerias externas. Uma característica que define o ambiente de segurança contemporâneo de África é a crescente concorrência entre as grandes potências, com um interesse renovado e uma presença crescente dos parceiros de segurança tradicionais (EUA, União Europeia e China) e dos parceiros emergentes (Índia, Rússia, Brasil, Vietname, Coreia do Sul, Estados do Golfo e Turquia). Em diferentes graus, todos estes parceiros de segurança externos têm vindo a interessar-se cada vez mais por África como destino de negócios e como local para a obtenção de recursos naturais vitais. Estes países estão cada vez mais a cultivar laços com países africanos para reforçar a sua posição diplomática e influência em instituições multilaterais tais como as Nações Unidas, a União Africana, e as Comunidades Económicas Regionais (CERs).

A China merece uma atenção especial devido à profundidade dos laços chineses nos países africanos, à magnitude das oportunidades económicas que pode oferecer e à natureza multi-sectorial das relações que está atualmente a desenvolver em todo o continente. A China está a coordenar cada vez mais o seu envolvimento com África no âmbito da sua Iniciativa "Uma Faixa, Uma Rota", uma estratégia global de investimento em infraestruturas e de política externa que inclui atualmente 39 dos 54 países da África Subsaariana.⁸⁹ Este compromisso liga diretamente a segurança do continente à prosperidade da própria China, um sério desvio da sua famosa política externa de não interferência nos assuntos internos. A crescente atenção da China aos sistemas de segurança resulta da necessidade de proteger os investimentos das perturbações e danos causados pelos conflitos e do desejo de reforçar a sua reputação global. Para o efeito, o Ministério da Defesa Nacional chinês organizou o primeiro Fórum de Defesa e Segurança China-África, no Verão de 2018, e aumentou a sua participação nas Operações de Manutenção de Paz das Nações Unidas.⁹⁰ Dos cerca de 2 500 soldados chineses em missões de manutenção da paz das Nações Unidas, quase 85% estão em África.

⁸⁹ Yu-Shan Wu et al., "Where Africa Fits into China's Massive Belt and Road Initiative," *The Conversation*, 28 de maio de 2017, <https://theconversation.com/where-africa-fits-into-chinas-massive-belt-and-road-initiative-78016>

⁹⁰ Niall Dungun, "The Expanding Role of Chinese Peacekeeping in Africa". Oxford Research Group. 18 de janeiro de 2018, <https://www.oxfordresearchgroup.org.uk/Blog/the-expanding-role-of-chinese-peacekeeping-in-africa>

A Rússia, por outro lado, adotou uma abordagem diferente. O recrudescimento do extremismo violento, das atividades terroristas e dos golpes de Estado na África Ocidental e Central deu à Rússia a oportunidade de aprofundar a sua influência através do Grupo Wagner, uma empresa mercenária obscura, que tem vindo a assumir gradualmente parcerias militares e de segurança tradicionais e estratégicas com países da África Ocidental.

Embora a assistência externa em matéria de segurança possa ajudar as nações africanas, tal assistência corre o risco de minar a própria segurança do Estado que deveriam reforçar se não for orientada e informada pelas prioridades e objetivos de segurança nacional. Por um lado, os líderes africanos devem compreender claramente as suas ameaças à segurança e identificar as lacunas de capacidade e as necessidades de resposta, a fim de moldar as discussões com os parceiros externos sobre a assistência em matéria de segurança; por outro lado, os parceiros externos precisam de compreender que a eficácia da sua assistência em matéria de segurança assenta em prioridades e agendas de segurança nacional claramente articuladas. A existência de uma Estratégia de Segurança Nacional ajudará a gerir, alinhar, coordenar e utilizar melhor a assistência em matéria de segurança para melhorar a segurança no continente. Sem uma agenda de segurança nacional, as prioridades e interesses de segurança dos parceiros externos de segurança podem ensombrar os interesses estratégicos das nações receptoras, não conseguindo alcançar os resultados desejados quer para o doador quer para o receptor.

A assistência externa em matéria de segurança deve, por conseguinte, basear-se numa parceria genuína e duradoura e não no clientelismo, nos interesses mútuos, nos princípios da igualdade soberana e da interdependência da União Africana, no valor tradicional africano da partilha equitativa dos encargos e da assistência mútua e na indivisibilidade da segurança africana⁹¹. É mais eficaz quando assenta numa apropriação nacional e num quadro institucional sólido e quando é adaptado, alinhado e adequado às necessidades e interesses nacionais. As Estratégias de Segurança Nacional são, por sua vez, um instrumento para alavancar parcerias de segurança externas e a utilização de recursos internos para uma maior transparência, responsabilidade e sustentabilidade no sector da segurança em África.

Questões para discussão:

- Qual a importância da ajuda externa, particularmente da ajuda externa à segurança, no seu país/região? Quem são os novos parceiros externos de segurança e qual a sua eficácia em relação aos parceiros tradicionais?
- Considera que a ajuda externa à segurança contribuiu para reduzir e combater as ameaças à segurança que o seu país/região enfrenta? Dê, por favor, exemplos.
- Qual a melhor forma de os países/instituições africanos coordenarem as múltiplas ofertas de parceria? Dê, por favor, exemplos.
- Como pode o seu país/região fazer face à influência crescente da concorrência entre grandes potências? Como é que o seu país/região pode utilizar melhor e potenciar a ajuda externa à segurança para ajudar a alcançar as prioridades e os objectivos de segurança nacionais/regionais?

Leituras Necessárias:

⁹¹ UA. 2004. Declaração Solene sobre uma Política Africana Comum de Defesa e Segurança. Adis: União Africana.

Lina Benabdallah, "Os laços militares China-África aprofundaram-se. Here are 4 things to know," *The Washington Post* Monkey Cage blogue, 6 de julho de 2018, <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2018/07/06/china-africa-military-ties-have-deepened-here-are-4-things-to-know/>

Nick Turse, "U.S. General Worry About Rising Russian and Chinese Influence in Africa, Documents Show," *The Intercept*, 13 de agosto de 2019, <https://theintercept.com/2019/08/13/russia-china-military-africa/>

Moderan, O. (2015). Liderança Política e Apropriação Nacional dos Processos de Reforma do Sector da Segurança. Toolkit for Security Sector Reform and Governance in West Africa, 3. <https://www.dcaf.ch/sites/default/files/publications/documents/SSRG-West-Africa-Toolkit-Tool-1-EN.pdf>

Watts, Steve. Identifying and Mitigating Risks in Security Sector Assistance for Africa's Fragile States". Rand Corporation 2015. http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_reports/RR800/RR808/RAND_RRR808.pdf

Leituras Adicionais:

Ismail, Olawale, e Elisabeth Skons, eds. Atividades de Segurança dos Atores Externos em África. Oxford University Press, 2014.

<https://www.sipri.org/sites/default/files/files/books/SIPRI2014IsSk01.pdf>

Centro África de Estudos Estratégicos, 2021. "National Security Strategy Development in Africa: Toolkit for Drafting and Consultation". Páginas 40-41:

- EN : <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/01/National-Security-Strategy-Development-in-Africa-Toolkit-for-Drafting-and-Consultation-Africa-Center-for-Strategic-Studies-2022-01.pdf>
- FR : <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/01/Developpement-dune-strategie-de-securite-nationale-en-Afrique-Centre-dEtude-Strategiques-de-lAfrique-2022-01.pdf>
- PO : <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/02/Desenvolvimento-da-Estrategias-de-Seguranca-Nacional-em-Africa-Um-kit-de-ferramentas-para-consulta-e-preparacao.pdf>